



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO SÃO BERNARDO
LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA PORTUGUESA

GUILHERME SILVA BRAGA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA IMIGRANTE AFRICANA NA
POÉTICA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: TRÂNSITOS LITERÁRIOS,
ESTIGMAS E RUPTURAS**

São Bernardo - Ma

2023

GUILHERME SILVA BRAGA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA IMIGRANTE AFRICANA NA
POÉTICA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: TRÂNSITOS LITERÁRIOS,
ESTIGMAS E RUPTURAS**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Maranhão,
Centro São Bernardo - MA, como requisito para obtenção do
título de licenciado em Linguagens e Códigos – Língua
Portuguesa.

Orientador: Prof. Mestra Francisca Marciely Alves Dantas.

São Bernardo – Ma

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO SÃO BERNARDO
LINCENCIATURA EM LÍNGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA PORTUGUESA

FOLHA DE APROVAÇÃO

GUILHERME SILVA BRAGA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA IMIGRANTE AFRICANA NA
POÉTICA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: TRÂNSITOS LITERÁRIOS,
ESTIGMAS E RUPTURAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do título de licenciado em
Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa, pela
Universidade Federal do Maranhão, Centro São Bernardo.

Aprovado em 16/12/2023

Banca Examinadora

(Prof. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas).

(Prof. Ma. Fabiana dos Santos Sousa.).

(Prof. Ma. Cleanne Nayara Galiza Coloço)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva BRAGA, Guilherme.

A Representação da Mulher Negra Imigrante na Poética de Chimamanda Ngozi Adichie. : Trânsitos Literários, Estigmas e Rupturas / Guilherme Silva BRAGA. - 2023.

47 f.

Orientador(a): Francisca Marciely Alves DANTAS. Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos

- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2023.

1. Chimamanda Ngozi. 2. Literatura Africana. 3. Representação Negra Feminina. I. Alves DANTAS, Francisca Marciely. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Palavras nunca me faltaram para apresentar e redigir trabalhos, mas sempre tropeço em emoções quando ouço falar deste momento, que para mim significa tanto e envolve muitos sentimentos, minha graduação em Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa. Só tenho a dizer que essa conquista é fruto de muito empenho, sacrifício e abdicção, como também, cercada por carinho e apoio.

Agradeço a Deus pela força que sempre me deu para lutar e vencer os meus obstáculos. Agradeço aos meus pais, a minha família aos meus amigos pelo grande incentivo. Não poderia deixar de agradecer também aos meus mestres pelo conhecimento compartilhado durante todos os anos de licenciatura, estes, que ajudaram a me tornar o professor que hoje sou.

Agradeço a CAPES, órgão que fui bolsista durante 1 ano e 8 meses, por meio do programa Residência Pedagógica, que ajudou a formar uma ótica pedagógica mais elaborada do que eu tinha antes de ser inserido na sala de aula.

A Prof. Mestra Francisca Marciely Alves Dantas pela excelente orientação no decorrer da produção desta monografia, e por ter me aceitado como orientando quando mais precisei. Gostaria de agradecer, também, por ter aberto meus olhos para a literatura africana na sua disciplina de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, disciplina esta que foi perfeitamente trabalhada por ela, me encantando desde o primeiro momento, e que motivou o meu trabalho de conclusão de curso.

“Feminista, uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica dos sexos”.
Chimamanda Ngozi Adichie.

RESUMO

Dentro do cenário literário africano, a escrita de autoria feminina vem ganhando um crescimento significativo. Nesse sentido, as temáticas envolvendo o protagonismo feminino negro fizeram com que a mulher negra fosse frequentemente representada, uma vez que grande parte dessas escritas tem como centro principal a mulher. Isso ocorre devido aos movimentos feministas que visam o empoderamento e a autoafirmação, que cada vez ganham mais força na sociedade atual, em que a representatividade é tão exigida e buscada. Tendo isso em vista, esta monografia tem como objetivo analisar como a imagem feminina negra é representada no conto literário “No Seu Pescoço” (2017), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Primeiramente, explanando como se deu o processo de formação literária colonial africana, seguido da formação literária de autoria feminina. Logo em seguida, explicitando as questões de feminismo, empoderamento e autoafirmação feminina negra. E, por fim, analisar e fazer considerações a respeito dos estigmas e dos estereótipos que são apresentados no conto. Por meio de uma metodologia bibliográfica e qualitativa, foram usados os seguintes autores: Adichie (2009), (2017) e (2018), Spivak (1985), Bourdieu (1998), Laranjeira (1995), Ferreira (1977), Hooks (2018), Davis (2019), entre outros autores. Ao final da análise constatou-se na escrita da referida autora que a imagem da mulher como protagonista fortalece as questões que envolvem o empoderamento feminino negro, por meio do enredo literário que envolve nacionalismo, imigração, racismo e feminismo.

Palavras-chave: Representação, Chimamanda Ngozi Adichie, Conto.

ABSTRACT

Within the African literary scene, writing by women has been gaining significant growth. In this sense, the themes involving black female protagonism meant that black women were frequently represented, since much of this writing has women as its main focus. This is due to feminist movements that aim for empowerment and self-affirmation, which are increasingly gaining strength in today's society, in which representation is so demanded and sought after. With this in mind, this monograph aims to analyze how the black female image is represented in the literary short story “No Seu Neck” (2017), by Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie. Firstly, explaining how the process of African colonial literary formation took place, followed by female literary formation. Soon after, explaining the issues of feminism, empowerment and black female self-affirmation. And, finally, analyze and make considerations regarding the stigmas and stereotypes that are presented in the story. Using a bibliographic and qualitative methodology, the following authors were used: Adichie (2009), (2017) and (2018), Spivak (1985), Bourdieu (1998), Laranjeira (1995), Ferreira (1977), Hooks (2018), Davis (2019), among other authors. At the end of the analysis, it was found in the aforementioned author's writing that the image of women as protagonists strengthens the issues surrounding black female empowerment, through the literary plot involving nationalism, immigration, racism and feminism.

Keywords: Representation, Chimamanda Ngozi Adichie, Short story.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A LITERATURA ENQUANTO REFLEXO DA SOCIEDADE.....	10
2.1 Aspectos histórico-literários do contexto africano e nigeriano.....	10
2.2 Notas em torno da escrita de Chimamanda.....	15
2.3 Estudos de gênero: pautas, tabus e reflexões.....	18
3 REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO “NO SEU PESCOÇO” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE (2009)	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
5 REFERÊNCIAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Conforme a sociedade evoluía as noções sobre os diferentes contextos sociais iam ganhando novas formatações, com isso, movimentos visando à busca por direitos, por visibilidade e por representatividade iam conquistando seu espaço no meio social.

Foi assim que nos últimos anos, a literatura africana veio ganhando grande notoriedade dentro do cânone literário, especificamente, quando está relacionado às literaturas africanas de autoria feminina, que unidas a vários movimentos como os de feminismo, africanidade e os próprios movimentos literários, fizeram com que o público se aproximasse cada vez mais do tema, representação feminina africana.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem o intuito de analisar como é apresentada a imagem da mulher no conto “No seu Pescoço,” que se encontra no livro de mesmo nome de (2009) escrito por Chimamanda Ngozi Adichie. Explanando como se deu o processo de formação literária colonial africana, seguido do de formação literária de autoria feminina. Explicitando as questões de feminismo, empoderamento e autoafirmação feminina negra. E, por fim, analisar e fazer considerações a respeito dos estigmas e dos estereótipos que são apresentados no conto.

Esta pesquisa foi construída de forma bibliográfica, através de uma abordagem descritiva, para que a análise do conto fosse feita através de uma ótica qualitativa. Deste modo, foram utilizados os autores Adichie (2009), (2017) e (2018), Spivak (1985), Bourdieu (1998), Laranjeira (1995), Ferreira (1977), Hooks (2018), Davis (2019), entre outros autores.

Ao decorrer dos anos, muitas obras literárias africanas foram sendo conhecidas pela grande massa consumidora de textos literários, porém, o que pode passar despercebido pelos leitores é: como pode ser grande o impacto que tais obras podem causar na sociedade. Uma vez que, essas escritas podem trazer consigo inúmeras pautas importantes, que podem ser debatidas no meio social com mais recorrência, para que assim, haja um entendimento melhor sobre elas, desta forma, construindo uma sociedade mais instruída acerca de tais debates, dentre eles, podemos citar exemplos importantes como o feminismo e a luta contra o racismo.

Dentro da literatura africana da atualidade, questões como: preconceito, imigração, feminismo e autoafirmação negra, são temáticas comuns de serem trabalhadas pelos autores, o que acaba por consequência, debatendo com várias outras questões e temáticas sociais, estas, que acabam sendo consideradas por alguns como tabus que não podem ser discutidos, contudo, estes conceitos precisam ser estudados e desmistificados, sendo assim, esta pesquisa acaba tomando estes postos como justificativa, para a sua construção.

O conteúdo deste trabalho é de grande relevância social, uma vez que: contribui nas discussões e reflexões a cerca da luta antirracista e a misoginia nos diferentes espaços sociais, e por se tratar de um estudo acadêmico mais criterioso, pode contribuir com pesquisas e outros estudos acadêmicos a cerca dos temas que aqui serão tratados, fazendo com que haja um repertório bem mais vasto que contribuem para a melhoria na sociedade. Pretende-se também por meio disso: realizar a busca por medidas que ajudem as pessoas de fora do ambiente educacional a compreenderem melhor as temáticas, conceitos e ideias que aqui serão trabalhados, fazendo com que este trabalho se torne um conteúdo atrativo para diferentes tipos de leitores.

No capítulo 2, começam a serem dissertados os estudos deste trabalho, foi feito uma pequena reflexão introdutória de como a literatura é um reflexo do meio social, e como ela pode representar e moldar toda uma sociedade.

No capítulo 2.1, foi explanado sobre o contexto sócio histórico da criação literária africana de expressão portuguesa, apresentando um estudo de como ela surgiu, e trazendo pontos importantes de como ela se desenvolveu até a atualidade, visto que, essa explanação se torna importante para entendermos como a o povo negro foi tratado em séculos de colonização europeia, fazendo com que estigmas deste tratamento durassem até os dias atuais.

Logo em seguida no capítulo 2.2, serão explanados pontos importantes da literatura nigeriana, pois, o país é responsável por dar voz a Chimamanda Ngozi Adichie criadora do conto de análise. Serão apresentadas também, algumas notas em toda da vida da autora, a fim de descrever como certas questões relacionadas às suas vivências influenciaram diretamente nas suas criações literárias.

No capítulo 2.3, foi apresentado o contexto sócio histórico de criação dos movimentos feministas, onde foram elucidadas questões a cerca da desvalorização da voz feminina, do seu trabalho e da sua imagem no meio social, e como a mulher, especificamente a mulher negra, sofre o dobro do preconceito e da subjugação, uma vez que, ela é vista por alguns grupos sociais, como algo abaixo do ser subalterno. Logo em seguida, será abordado como estas mulheres que se encontravam a margem da sociedade, descobriram na literatura uma porta para dar voz aos seus anseios, para a construção de uma sociedade mais igualitária em deveres, direitos e respeito.

No capítulo 3, foi construída uma análise literária do conto “No Seu Pescoço” de Chimamanda Ngozi Adichie, usando como suporte, todos os temas, reflexões e estudos trabalhos durante todos os capítulos de embasamento teórico. Apresentado como a autora usa

a imagem de uma personagem protagonista negra, para lutar contra os estigmas sociais que lhe são apresentados ao decorrer do conto.

2. A LITERATURA ENQUANTO REFLEXO DA SOCIEDADE

A literatura tem a capacidade de nos apresentar variados mundos e formas, e estes, fazem com que nós, seres humanos, tomemos consciência sobre a realidade em que vivemos. A literatura tem o poder de construir no ser humano, noções éticas como também morais, e de permitir que possamos fabular e criar. Ela nos aproxima da história, seja ela do passado ou do presente. Ela tem o poder de nos fazer refletir e analisar, para que assim, possamos sair da sombra da ignorância, construído desta forma, um mundo mais evoluído socialmente. A seguir será demonstrado como ocorre esse processo em diferentes áreas de conhecimento, e como estes aspectos influenciam a sociedade em geral, de forma negativa e positiva.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS NO CONTEXTO AFRICANO E NIGERIANO

A literatura no continente africano teve seu marco inicial no período da colonização africana, esta literatura inicialmente, era focada nos colonizadores, entretanto, durante anos de desenvolvimento, e por meio das lutas dos africanos em busca de liberdade, e na busca da reconstrução cultural e étnica do seu continente, no atual momento, ela é focada na autoafirmação do povo negro africano. Um fato interessante que podemos citar, é que, em cada país africano, essa formação teve aspectos e tempos diferentes, contudo, esses traços e singularidades só fizeram com que essa construção se tornasse diferenciada e mais rica em detalhes. No decorrer dessa explanação, vai ser observado, um pouco deste processo de formação literária africana, até chegar ao processo ocorrido no país Nigéria.

Fonseca e Moreira (2002. p.02) estipulam que existem quatro momentos importantes nessa construção histórica. O primeiro período dessa construção ficou conhecido como o de alienação, em que o escritor se encontra em completo processo de alienação cultural, fazendo com que sua escrita refletisse essa realidade. No segundo período, esse contexto já começa a ser alterado, o escritor começa a tomar noção de sua real situação de sujeito alienado, começando assim, a adaptar sua escrita, esse momento é conhecido como percepção. Assim, começa a aflorar nos escritores um sentimento de nacionalismo, relacionado às dores do povo negro, levando a escrita fictícia, a uma nova percepção e sensibilidade. No terceiro período, acontece o movimento de revolta, o povo africano toma consciência da colonização, e começa o processo de desalienação. Neste período, a literatura é

focada nos meios socioculturais e geográficos do continente, os escritores negros começam a criar as literaturas voltadas para o povo negro, como explicita Fonseca e Moreira:

No primeiro, destaca o teórico que o escritor está em estado quase absoluto de alienação. Os seus textos poderiam ter sido produzidos em qualquer outra parte do mundo: é o momento da alienação cultural. [...] Ao segundo momento corresponde a fase em que o escritor manifesta a percepção da realidade. [...] O terceiro momento é aquele em que o escritor adquire a consciência de colonizado. [...] O quarto momento corresponde à fase histórica da independência nacional, quando se dá a reconstituição da individualidade plena do escritor africano. (FONSECA; MOREIRA, 2007. p. 02)

Conforme os autores argumentam, o quarto período é o momento em que ocorre o processo de independência nacional. O escritor africano vai reconstruir suas individualidades e desenvolver sua criatividade, ocasionando uma maior produção de textos voltados à cultura negra, em sua total realidade.

Inicialmente, a literatura africana de expressão portuguesa tinha em suas escritas o olhar do português sobre o povo africano, e o fato acabou instaurando um estigma racista em quase toda escrita que viria a ser feita em seu período colonial. Desse modo, a literatura africana nasceu a partir da expansão portuguesa que ocorria no século XV, e por uma ótica expansionista, historiadores, cientistas, missionários e viajantes se uniram para testemunhar os esforços do povo europeu que buscava por terras e poder. Conforme explana (FERREIRA, 1977. p. 07) “A literatura africana de expressão portuguesa nasce de uma situação histórica originada no século XV, época em que os portugueses iniciaram a rota da África. [...] A historiografia e a literatura portuguesas, sob a óptica expansionista, testemunham o ‘esforço lusíada’ da época renascentista.” E estes por sua vez, catalogavam tudo o que era encontrado no decorrer das expedições. Dessa maneira, surgia ali uma literatura africana de expressão portuguesa, porém esta era relacionada apenas às descobertas e a expansão ocorridas durante o período colonial.

Então, quando de fato iniciou-se o processo de formação literária africana? Ferreira (1977, p. 08) explica que “os portugueses chegaram à Foz do Zaire em (1482) e, em (1575), fundaram a primeira povoação portuguesa conhecida como São Paulo de Assunção de Loanda, hoje capital de Angola”. Inicialmente, a literatura era construída através dos relatórios dos padres jesuítas, e documentos oficiais que formavam as correspondências entre os reis do Congo e os reis de Portugal, e dessa forma, o processo ia ganhando aspectos importantes em sua composição, que ao decorrer do tempo foram aumentando.

Não se sabe ao certo em que tempo o primeiro texto considerado de literatura africana surgiu, mas segundos dados, o primeiro a ser impresso em terras africanas, foi do escritor Maia Ferreira em 1849, porém, historiadores afirmam que, mesmo sendo o primeiro livro impresso, não foi à primeira manifestação literária de um autor africano.

Dentro da periodização literária africana, existe a área da literatura conhecida como literatura africana de expressão portuguesa, e esta, surgiu por meio da colonização dos países africanos que tiveram Portugal como principal colonizador, sendo estes os países: Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau.

A literatura de expressão portuguesa tinha em sua narrativa, o homem branco europeu português como centro de tudo, e nelas, se tornava o herói descobridor de terras. O homem negro era tido apenas como parte da paisagem exótica das terras africanas, como se sua presença nas narrativas do europeu, fosse insignificante perante o homem branco. Como explica Ferreira:

A primeira, a literatura colonial, define-se essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano. No contexto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente e, quando tal acontece, é já um avanço, porque a norma é a sua animalização ou coisificação. O branco é elevado à categoria de herói mítico, o desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior. (FERREIRA, 1977. p. 10)

Após isso, conforme a colonização ganhava mais força, o homem negro então é elevado a uma nova função dentro das narrativas. Ele ganha a figura de selvagem, de um ser que tinha feição humana, mas se comportava como fera, e nos textos esse adjetivo era predominante quando era relacionado ao povo negro, surgia desta forma um dos estigmas mais dolorosos do cidadão negro, que sua feição ou que suas atitudes são consideradas animais. Para o colono, o ato de colonizar não era o bastante, ele tinha que também, subjugar o colonizado, como afirma Fanon:

Não basta ao colono limitar fisicamente, com auxílio de sua polícia e de sua gendarmaria, o espaço do colonizado. Como que para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal? A sociedade: colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, jamais habitaram, o mundo colonizado. (FANON, 2005. p. 30)

O período colonial africano foi o momento em que ocorreu a extração — por parte dos europeus — de qualquer atividade que fosse vista como um estímulo cultural daqueles povos, fazendo com que aos poucos eles deixassem seus costumes, e se adaptassem aos moldes europeus de civilização. A produção literária dessa época era exclusivamente

européia, então, os negros que eram escolarizados no período tinham que se adaptar às leituras pertencentes à cultura do povo europeu português.

Com isso, é impossível começar a avistar uma mudança significativa de pensamento acerca da imagem feita do homem negro, pois não havia nenhuma escrita que mostrasse a realidade como ele era, e mesmo se houvesse textos que colocassem o negro como centro, a escolaridade que o colonizado recebia, quando ele recebia, não fazia dele um leitor que podia interpretar textos, como explica Laranjeira (1995, p. 26), “a população negra das colônias portuguesas quase não lia jornais e muito menos literatura. Os textos literários efetivamente lidos eram quase só aqueles a que os ‘assimilados’ tinham acesso na escolarização, sem continuidade de leitura literária que pudesse significar sequer um público leitor de textos europeus”.

Conforme o passar dos anos, e com as evoluções acontecendo dentro da crítica literária relacionada ao povo africano, um novo movimento surgia dentro do continente, e este, iniciaria uma nova forma de fazer literatura relacionada ao povo africano.

Desta forma surgia inicialmente, com muitas dificuldades, entre elas, o grau de escolaridade do povo africano, o apagamento cultural e outros aspectos. Porém, mesmo com grandes dificuldades, ela se solidificou fortemente, construindo assim, a literatura afirmativa africana.

A literatura africana — realmente feita pelo povo africano — tem surgimento iniciado com os movimentos que ficaram conhecidos como negritude. O termo aparece inicialmente ao longo do poema *Cahier d'un retour au pays natal* de (1939) de Aimé Césaire. Logo após isso, a palavra foi usada para nomear os movimentos produzidos pelos escritores africanos, que pretendiam fazer uma retomada de consciência sobre o povo negro, fazendo junto a ela, uma retomada de costumes e culturas, que haviam sido apagadas pelos europeus. Mas em que momento surgiu esse movimento que foi protagonizado por negros e mestiços? Segundo Laranjeira:

A Negritude lançou as suas raízes até aos movimentos culturais protagonizados por negros, brancos e mestiços que. Desde as décadas de 10, 20 e 30. Vinham pugnando por um Renascimento Negro (busca e revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares) principalmente em três países das Américas, Haiti. Cuba e Estados Unidos da América, mas também um pouco por todo o lado. (LARANJEIRA, 1995, p. 27)

A ideia de renascimento negro, que ocasionou os movimentos de negritude surgidos no século XX teve início fora da África, especificamente nos Estados Unidos. Só que, o movimento ganhou força na França, após uma organização social criada por estudantes negros

e africanos que defendiam a valorização do passado, da cultura, política e da literatura negra e africana. Como afirma Laranjeira:

Os fundamentos da Negritude incluem a redescoberta da história e das culturas. [...] Social e ideologicamente, a Negritude constituiu-se como o processo de busca de identidade, de conduta desalienatória e da defesa do património e do humanismo dos povos negros. Do continente africano e da diáspora negra no mundo”. (LARANJEIRA (1995, p.28-29):

Tendo seu auge na década de 30 a 40, o movimento foi uma resposta ao racismo e aos estereótipos criados pelo povo europeu sobre o continente africano e seus povos nativos. Ele defendia a busca pela identidade cultural dos povos e por uma criação literária de estilo próprio do povo negro. Como afirma Munanga (2019, p. 23-24): “Mirando-se no exemplo dos escritores americanos ligados ao movimento Renascimento, os moços acreditavam que o intelectual devia assumir sua cor, raça e tornar-se o porta-voz das aspirações do povo oprimido, em vez de escrever livros onde a sua pigmentação não pudesse ser adivinhada.”. A poesia da Negritude é totalmente oposta à literatura colonial africana, pois enquanto uma agredia, escondia e estereotipava o povo negro, a outra o glorifica em sua totalidade. Os movimentos de negritude tinham em suas lutas três objetivos centrais, sendo eles, alterar as políticas, os meios sociais e as literaturas.

O intuito era restituir tudo aquilo que havia sido tirado da África no período colonial, fazendo com que a partir deles, os africanos se assumissem de cabeça erguida e se afirmassem enquanto homens negros, como explica Munanga:

Entre os três objetivos que acabamos de levantar, o que impressiona imediatamente por sua amplitude e pela verdade das disciplinas mobilizadas à sua compreensão é a afirmação e a reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros. Poetas, romancistas, etnólogos, filósofos, historiadores etc. quiseram restituir à África o orgulho de seu passado, afirmar o valor de suas culturas, rejeitar uma assimilação que teria sufocado a sua personalidade. [...] A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, com desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro. (MUNANGA, 2019, p. 24)

Dessa forma, podemos ver ao longo dos anos, como a literatura africana foi se modificando e se consolidando fortemente. Mesmo existindo há pouco mais de 40 anos, a literatura afirmativa do povo africano vem ganhando mais notoriedade por meio de escritores consagrados, que usam seus textos para fortificar a sua nacionalidade, cultura e costumes.

Usam de sua força para mostrar o povo negro em sua realidade, sem estereótipos racistas que foram empregados pelos colonizadores europeus. Mostrando ao mundo, uma

África rica em cultura e beleza, que somente os africanos podem fazer. Desta forma começam a surgir nomes importantes no cenário literário africano, como de Chimamanda Ngozi Adichie, que com seu brilhantismo vem conquistando um grande público, e isso será discutido no capítulo a seguir.

2.2 NOTAS EM TORNO DA ESCRITA DE CHIMAMANDA

A Nigéria é um país localizado na África Ocidental. Dentro de seu território existem mais de 250 grupos étnicos e 500 línguas diferentes, algumas delas são o igbo, yorubá e o inglês. Em virtude da maior população e da maior economia do continente africano, a Nigéria acabou sendo nomeada de Gigante da África. O país foi colonizado pelos britânicos que acabaram introduzindo a língua inglesa na região, reforçando a concepção eurocêntrica de dominação, e esta, acabou sendo instituída como língua oficial do território.

Após a grande exploração que os britânicos faziam no local, os colonizados iniciaram um movimento libertação visando à independência do país, que iniciou em 1960. A sociedade nigeriana vivenciou inúmeros golpes de estado, regimes militares e uma guerra civil, também em 1960, onde os líderes buscavam o poder de comandar aquele país, para que assim pudessem explorar as riquezas da localidade, porém apenas em 2011, após um processo eleitoral, que foi considerado o mais limpo e justo democraticamente história do país, a Nigéria instituiu um presidente da república. Como pode ser visto no texto de Cabral (2020) publicado no *blog* Negrê, onde ele aborda um pouco da história do país.

Os nigerianos têm uma forte ligação com os antepassados, e a cultura do país é totalmente voltada à apreciação dos povos nativos africanos. E isto, acaba sendo refletido em vários campos sociais dentro do local, como o campo cultural, artístico e literário.

O campo literário nos últimos anos acabou sendo bastante evidenciado, principalmente depois de *Wole Soyinka* ganhar o prêmio *Nobel* de literatura, e isto, fez com que os olhares do mundo literário fossem voltados ao país Nigéria.

Dentro de outros países do continente africano, o processo literário, mesmo tendo aspectos bastante parecidos, como a questão da colonização, dos estereótipos do ser humano negro, do apagamento social e o racismo, cada país tiveram suas particularidades nesta construção. Podemos explicar aqui, que a Nigéria não teve este processo tão marcado, por não ter ao certo, documentos que discutem ou comprovem como de fato ocorreu a formação literária do país. Porém, é importante citar que, nos últimos anos este território vem crescendo

significativamente a sua produção literária, fazendo com que haja uma busca maior por nomes de autores pertencentes ao local.

As temáticas trabalhadas pelos escritores nigerianos são variadas dentro do contexto africano, e abordam temas semelhantes aos outros países do continente, mas, é possível notar que as narrativas mesmo tendo traços parecidos, trazem formas e acontecimentos bem particulares daquela região, acontecimentos que por meio da escrita, podem ser relacionados somente com aquele país. Um dos maiores nomes que aqui podem ser citados é da escritora Chimamanda Ngozi Adichie. Ela é nascida no país, e cresceu dentro do campus da Universidade da Nigéria, onde seus pais eram professores. Daí surgiu a forte ligação que ela sentia desde jovem com a escrita e com a literatura.

Seu amor pelos livros, desde a infância, teve forte ligação com obras de autores estrangeiros, especificamente estadunidenses, em que o enredo e os personagens eram constituídos de pessoas brancas para pessoas brancas. Chimamanda sempre se sentiu inquieta com tal situação, uma vez que, dentro da Nigéria a realidade vivida por ela era totalmente diferente da que era lida nas obras literárias. Porém, ao descobrir textos africanos, esta visão eurocêntrica que ela tinha sobre a literatura mudou completamente, então ela, começou a escrever sobre sua realidade, e a dar voz para temas que fossem mais próximos de seu contexto social, como, religiosidade, nacionalismo e feminismo, movimento social que ela faz parte como uma das ativistas.

Chimamanda chegou a estudar medicina na universidade da Nigéria, enquanto ela era ao mesmo tempo editora da revista *The Compass*. Todavia aos 19 anos, ela decide se mudar para os Estados Unidos, para estudar comunicação e ciências políticas na Universidade *Drexel* na Filadélfia.

Esta mudança na vida da escritora foi motivadora de várias de suas narrativas literárias, uma vez que, movida pelo racismo e pela total ignorância que sofria no novo continente, Chimamanda colocava suas vivências em seus textos. A autora então começou a abordar temas como emigração, racismo e feminismo e suas escritas, e por trazerem temáticas fortes, estas, começaram a crescer no meio literário.

Seu grande sucesso veio após uma palestra apresentada na conferência *TED* de (2009), onde ela abordou sobre “*O Perigo da História Única*”, que posteriormente veio a ser transformada em livro.

Nesta palestra, a autora conta um pouco sobre sua vida no país Nigéria, e principalmente como as pessoas de fora do continente africano, enxergam o espaço, desta forma, criando uma história única para aquele território. História esta, que segundo ela, é

cheia de racismo e estereótipos negativos ao povo negro africano. Dentro da palestra Chimamanda aborda várias questões, como o nacionalismo africano, feminismo e emigração, e após ter sido filmada e colocada na plataforma de vídeos *YouTube*, fez com que o nome da escritora explodisse mundialmente, fazendo com que suas obras ganhassem grande fama e reconhecimento.

Outra palestra da autora que também ganhou bastante notoriedade foi a “*Todos Nós Deveríamos Ser Feministas*” de (2017). Onde ela explana sobre os papéis de gênero na sociedade, e como nós seres humanos, podemos buscar a igualdade entre eles. Nesta palestra ela explana também, como as mulheres são criadas como inferiores aos homens, e como a mulher negra é apagada socialmente.

Como em suas outras escritas, ela usa novamente suas vivências para conversar com o público, relatando fatos do seu cotidiano e de sua vida. Assim, fazendo uma afirmativa importante durante a palestra, que todos nós deveríamos ser feministas.

As narrativas nigerianas consistem bastante em religiosidade, nacionalismo e imigração, as duas primeiras se assemelham com a literatura pertencente ao continente, porém as histórias que falam sobre o fluxo migratório do país são um diferencial dentro do vasto arcabouço literário africano. Sem sombra de dúvidas a busca por uma vida melhor, um bom trabalho, ótima remuneração e qualidade de vida, fazem com que pessoas do mundo todo mudem de suas localidades, em um processo conhecido como emigração.

Este movimento de mudança ocorre em sua maioria, para as grandes potências, e uma das mais recorridas são os Estados Unidos, em que, a cada ano, boa parte dessa população que migra para o país, é africana, especificamente nigeriana; o povo ocupa maior parte do fluxo migratório da região, entretanto, a mudança pode trazer consequências positivas e negativas aos imigrantes. Os nigerianos enxergam nele o desenvolvimento necessário para o melhoramento da sua condição de vida, porém o processo é — em grande parte — burocrático demais, visto que, o país tem suas medidas rigorosas que gerenciam esse tráfego, fazendo com que o visto de permanência no país, seja tido por muitos como: um bilhete premiado da loteria, a grande chance da mudança.

Conhecido como *Green Card*, este visto é concedido pelas autoridades estadunidenses é um dos mais completos quando é relacionado à mobilidade urbana dos imigrantes, ele contém menos restrições, fazendo com que o sujeito consiga se instalar com facilidade em cada região dos EUA, além do fato de que ele é um cartão de permanência no país. A partir do momento que você o ganha, você terá todos os direitos que um cidadão de lá tem, fazendo com que ele seja desejado por muitos, aumentando ainda mais a ideia do

American Dream ou sonho americano, criando a esperança já citada acima: do melhoramento da condição de vida na grande potência americana.

A mudança de culturas, costumes e localidades, podem trazer inúmeras complicações na adaptação de um emigrante a determinada região, principalmente quando a região é em si, é um país que cria e mantém variados tipos de estereótipos ao povo imigrante, como é o caso dos EUA. Como abordado, em uma de suas palestras Adichie (2009) aborda uma de suas experiências de recém-chegada no país:

Quando saí da Nigéria para fazer faculdade nos Estados Unidos. Eu tinha dezenove anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando respondi que a língua oficial da Nigéria era o inglês. Também perguntou se podia ouvir o que chamou de minha “música tribal”, e ficou muito decepcionada quando mostrei minha fita da Mariah Carey. Ela também presumiu que eu não sabia como usar um fogão. (ADICHIE, 2009. p. 10)

O povo africano além de lidar com o racismo estrutural presente no país, ainda tem que lidar com a questão da ignorância ou a falta de conhecimento estadunidense — não generalizando — uma vez que, a imagem que a mídia ainda prefere propagar sobre o continente, é a imagem de uma África: pobre, faminta e doente, negando totalmente o lado positivo que se relaciona a sua cultura, costumes, religião etc. Criando no imaginário do americano uma única história que se propaga durante os anos, como afirma Adichie (2009):

Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo o que eu soubesse sobre a África viesse das imagens populares, também ia achar que se tratava de um lugar com paisagens maravilhosas, animais lindos e pessoas incompreensíveis travando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e de aids, incapazes de falar por si mesmas e esperando para serem salvas por um estrangeiro branco e bondoso. (...) Acho que essa história única da África veio, no final das contas, da literatura ocidental. (ADICHIE, 2009. p. 11)

Vale ressaltar que a crítica feita aqui, está mais relacionada a uma pequena reflexão dos posicionamentos tomados pela mídia e pelo país, juntamente com uma reflexão sobre os estereótipos que se fazem do continente africano e da falta de conhecimento sobre ele. E mostrando como o peso da literatura pode influenciar ainda mais nesses conceitos, sejam eles de forma positiva ou negativa. Este fato acaba afetando diretamente em outras áreas de conhecimento, como o polo sobre os estudos sobre o gênero, que será explanando no capítulo a seguir.

2.3 ESTUDOS DE GÊNERO: PAUTAS, TABUS E REFLEXÕES

Dentro da sociedade patriarcal da antiguidade e até hoje na contemporaneidade, ainda acontece de uma mulher ser criada para desenvolver papéis de boa esposa, boa mãe e de dona de casa. Na obra de Pierre Bourdieu *A Dominação Masculina* de (1998), ele nos demonstra como funciona o conceito de cultura Androcêntrica, que é fundamenta na figura do homem como princípio de tudo, como o sujeito que deve ser seguido e obedecido, neste caso o espectro masculino é tido como centro social, e de forma irrefutável domina o meio que estar inserido, isso pode ser visto atualmente nos conceitos de machismo estrutural, que permeiam a sociedade contemporânea, onde a premissa de dominação masculina é a mesma presente nas sociedades androcêntricas, em que o homem domina, como explica Bourdieu:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça. (BOURDIEU, 1998, p. 18)

Desta forma, a mulher dentro da sociedade patriarcal e na androcêntrica, acaba sendo dominada pela figura do homem, pois ela é tida como inferior, e por consequência disso, acaba tendo vários de seus direitos negados. Durante os períodos da antiguidade até a modernidade, o direito à educação era um dos mais negados às mulheres, as poucas que passavam por processos de alfabetização eram de famílias ricas, e mesmo assim, na maioria das vezes, esse ensino era acompanhado de um aprendizado voltado aos serviços domésticos.

Por séculos dentro das sociedades patriarcais, as mulheres tinham diferentes locais de fala, em algumas sociedades elas ganharam postos de prestígio, como na sociedade egípcia, em que mulheres foram nomeadas faraós, sendo este considerado, o símbolo máximo de comando para a sociedade. Já em outras, elas foram completamente subjugadas, como nas sociedades islâmicas, em que mulheres são proibidas de ter educação escolar de todos os tipos. Isso era, e ainda hoje é decorrente de posições sociais, culturais e crenças, que podiam e ainda podem levar a mulher a diferentes núcleos sociais.

A mulher, historicamente, não tinha direitos civis, sociais e nem políticos, além de serem inferiorizadas pela sociedade que excluía suas vozes dos meios citados acima, e uma mudança nesses moldes sociais, que eram utilizados na criação de meninas durante séculos, só começou a ser percebida de forma significativa na contemporaneidade, com a formação do feminismo, fazendo com que vários desses direitos fossem alcançados.

O feminismo é um movimento político, social e filosófico que visa melhorias e mudanças nos direitos das mulheres na sociedade, juntamente com a busca por uma igualdade entre as minorias e os gêneros.

Nas primeiras lutas do movimento, as feministas visavam direitos políticos e civis a todas as mulheres, eram eles, os direitos ao voto e a educação principalmente. Os movimentos feministas eram organizados inicialmente por meio de conversas entre pequenos grupos de mulheres, nos lugares conhecidos como grupos de conscientização (GC). Como explicado por Hooks:

No entanto, é importante notar que a fundação desse trabalho começou com mulheres examinando o pensamento sexista e criando estratégias com as quais mudaríamos nossas atitudes e crenças por meio de conversão para um pensamento feminista e comprometimento com políticas feministas. Fundamentalmente, o grupo de conscientização (GC) era um local para conversão. Para construir um movimento de massa, as mulheres precisavam se organizar. A sessão de conscientização, que em geral acontecia na casa de alguém (em vez de em espaço público, que teria que ser alugado ou emprestado), era um local de encontro. Era o lugar no qual pensadoras e ativistas feministas da época poderiam recrutar novos convertidos. (HOOKS, 2018, p.18)

Essas reuniões eram geralmente organizadas em suas próprias casas, com o intuito de fazer articulações e debates acerca da opressão masculina sofrida por elas, juntamente com o conceito de dar voz a todas as mulheres que ali se encontravam. Após isso, o movimento ganhou as ruas das mais diversas organizações sociais, em busca dos direitos para todas as mulheres, tendo sua explosão ocorrida no século XX. Por final, o movimento foi sendo enraizado socialmente e ganhou novas vertentes, como por exemplo, o feminismo negro.

Então, por que existe o feminismo negro? Já que o conceito de feminismo engloba todas as mulheres. O feminismo negro deu um local de fala às mulheres negras que passaram pelo apagamento social, tanto por ser mulher, quanto por sua cor. Já que, ao analisarmos os debates que eram feitos em torno dos direitos das mulheres, a mulher negra e pobre era excluída, até mesmo dentro do próprio movimento, pois o feminismo havia sido tomado por mulheres brancas e de classe social elevada. Daí surgiu a necessidade de criar uma raiz para as mobilizações em que as vozes de mulheres negras fossem ouvidas, como também, a busca por direitos, só que neste caso, a busca por direitos relacionados à cor, como afirma Hooks:

Mesmo que mulheres negras individuais fossem ativas no movimento feminista contemporâneo desde seu início, elas não foram os indivíduos que se tornaram “estrelas” do movimento, que atraíam a atenção da mídia de massa. [...] Mesmo antes de raça se tornar uma questão debatida nos círculos feministas, estava claro para as mulheres negras (e para as revolucionárias aliadas da luta) que jamais alcançariam igualdade dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca existente. (HOOKS, 2018, p.14)

Na sociedade, os altos índices de violência, feminicídio, encarceramento, mortalidade materna e de baixa escolaridade perpassam durante a vida de mulheres negras.

Segundo o Atlas da Violência, que é um documento elaborado pelo *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, em parceria com o (IBGE), no Brasil até 2019, dentro da taxa de feminicídio, constam que, 65% das mulheres mortas eram negras.

De acordo com o *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias sobre Mulheres*, o INFOPEN, o Brasil é o 4º país que mais prende mulheres no mundo, e dentro desta taxa nacional, 62% são de mulheres negras. Então, a luta feminista negra, além de buscar por igualdade entre gêneros, também buscava por sobrevivência e direitos humanos a todas.

A forma como a história foi repassada, fizeram com que a mulher negra seja em sua grande maioria marginalizada e estigmatizada. E esses estigmas são iniciados ainda na escravidão, e se perpetuam até os dias atuais, onde a mulher negra recebe estereótipos relacionados ao seu corpo e ao seu trabalho, fazendo com que a subserviência ao homem fosse mais severa com mulheres negras do que com mulheres não negras. Elas eram marcadas por experiências voltadas à exploração do seu trabalho e do seu corpo, fazendo com que sua vida fosse resumida a isso, e por anos, acabou sendo essa a realidade de vida dessas mulheres.

Esses processos de inferiorização feminina eram iniciados ainda na infância da garota, no seio familiar especificamente no que ensinado a ela, como em uma boa mãe, uma boa esposa e uma boa dona de casa, e estendia-se até a maturidade — que geralmente era antes dos 18 anos — quando a mulher tinha que constituir sua própria família, fazendo com que após isso, sua tutela ficasse a cargo de seu marido. Bourdieu explana que:

As mulheres [...] vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica [...] Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres não podem senão tornar-se o que elas são segundo a razão mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc. Elas estão condenadas a dar, a todo instante, aparência de fundamento natural à identidade minoritária que lhes é socialmente designada. (BOURDIEU, 1998. p. 41)

Esta conclusão do sociólogo se constrói a partir de uma análise feita em um pequeno vilarejo na região da Cabília, onde ele faz uma analogia da sociedade androcêntrica presente naquele vilarejo, e a relaciona com o machismo estrutural e com outras sociedades patriarcais, onde o homem é o centro do meio social, ou seja, o pai, o filho e consequentemente o marido, tinham grande poder sobre as mulheres.

Desta forma, pode ser observado que a mulher, após a maturidade, só lhe restava o casamento, assim iniciando um novo ciclo de subserviência, desta vez, invés do pai, seria o marido a quem ela deveria seguir e obedecer, fazendo com que desta forma, a voz dela fosse

inferiorizada perante o poder do marido, como afirma Bourdieu (1998, p.55) “as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens.”.

Esse fato acabava desenvolvendo na mulher uma dependência econômica, emocional e social pelo marido, ocasionando nele um sentimento de posse e propriedade pela mulher, em que, o esposo se reconhecia como dono de sua esposa, e desta forma, poderia fazer o que quisesse com ela. A violência contra a mulher, por exemplo, foi por muito tempo um tabu dentro da sociedade, e que não era discutido, fazendo com que frases como: “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, fossem popularizadas, entrando no consciente social de homens e mulheres, que instituíram o ditado popular como regra a ser seguida.

Esses modelos moldaram por séculos a sociedade, e só veio iniciar uma mudança significativa, na idade contemporânea, com os movimentos feministas de libertação das amarras que é o patriarcado e suas vertentes. As mulheres fizeram com que suas vozes fossem ouvidas socialmente, porém, na atualidade a desigualdade entre os gêneros ainda é uma realidade, entretanto aos poucos, grandes vitórias são conseguidas, fazendo com que a mulher conquiste o que lhe é de direito, a igualdade com o gênero masculino. E ao relacionarmos esses conceitos a mulheres negras, além de passarem pelos mesmos estigmas vividos pelas mulheres brancas, tiveram um grande agravamento, sendo este, o preconceito por sua cor.

Uma das principais mudanças na sociedade em geral foi à alteração dos papéis que eram exercidos pela mulher socialmente. A explosão que foram os movimentos feministas de reivindicações aos direitos que eram negados às mulheres, que teve seu no século XX, foi grande motivador dessas mudanças. A mulher foi conquistando seu lugar nos diferentes meios sociais, e um dos primeiros e mais importantes a serem conquistados por elas, foi sua adesão no mercado de trabalho.

Outro local de mudança foi no seio familiar, onde seu papel foi e vem sendo alterado diariamente. Dessa forma surge a pergunta, em que momento da história as mulheres começaram a serem donas de seus próprios caminhos?

O mundo durante e após passar por duas guerras mundiais durante o século XX, teve que por obrigação aceitar a inserção da mulher no mercado de trabalho, uma vez que, na falta de mão de obra masculina para trabalhar nas áreas específicas, restou à mulher, prover o sustento da família, mas obviamente, essa realidade foi relacionada às classes mais privilegiadas, porque, a mulher pobre, desde muito nova já tinha que trabalhar, mas, podemos

dizer que foi a partir deste momento, que a luta por direitos iguais aos gêneros começou a se fortalecer, e a luta feminista a ganhar força. Ribeiro e Jesus explicam que:

Além disso, com o desenvolvimento da sociedade industrial, a mão de obra feminina começou a ser utilizada como meia-força de trabalho, no sentido depreciativo de entrega dos postos mais sacrificados, mal remunerados e presos à falta de perspectivas de ascensão profissional e social. (RIBEIRO, JESUS. 2016, p.01)

Essa realidade se torna bem mais presente durante o século XX e XXI, quando a mulher deixa de ter o papel de dona de casa, e passa a ser a chefe da família. Isso, em razão da visão capitalista surgida no período, que fazia o trabalho feminino ser mais vantajoso, visto que, elas passavam por momentos de necessidade, fazendo com que elas se sujeitassem a situações de inferioridades, como explicita Ribeiro e Jesus (2016, p. 04) “Ressalta-se que os primeiros contatos das mulheres com o mercado de trabalho foram discriminatórios, apenas com o intuito de obter lucro, sendo vistas como melhor custo-benefício para o empregador por ofertar salários baixos e incompatíveis com as atividades exercidas”.

Com o passar dos tempos a mulher foi sendo mais bem introduzida dentro do mercado de trabalho, porém ainda sendo inferior ao homem. Este fato não era só referente ao meio de trabalho, algo similar podia e ainda pode ser percebido em outros meios sociais, por exemplo, na música, onde a figura feminina era ditada anteriormente como musa inspiradora, uma mulher idealizada como figura máxima de beleza e exaltação, porém, essa mulher sempre tinha seus caminhos ligados à figura masculina, como por exemplo, a música Garota de Ipanema de Tom Jobim, onde a figura inspiradora de Helô Pinheiro está ligada a idealização do que era tido como beleza para o cantor.

Na sociedade atual, a mulher deixou de ser uma idealizada, e passou a ser inferiorizada pelos homens, em músicas que contém linguagens de baixo calão e palavreados vulgares, porém, como são produzidas com ritmos envolventes, passam despercebidas, e entram no subconsciente do indivíduo, e as atitudes das músicas são reproduzidas no meio social.

Outro local em que a mulher era subjugada à figura do homem, era no meio literário, em que ela era quase sempre ligada à figura masculina. Nos contos da famosa empresa de entretenimento *Disney*, as princesas passaram por inúmeras mudanças de seus contos originais, para chegar ao ideal social feminino que queriam reproduzir nas meninas da época em que foram readaptados. Podem ser citados aqui, quase todos os contos clássicos como *A branca de Neve* (1937), *A Bela Adormecida* (1959) e *A Pequena Sereia* (1989), onde os enredos de suas histórias focam em sua maioria, na figura do príncipe encantado, fazendo com que assim, as garotas desenvolvessem um ideal masculino, que era fundamentado no

aspecto do herói salvador de donzelas, e na subserviência ao homem, em que o modelo de mulher padrão que devia ser seguido pelas garotas eram que elas deviam ser brancas, magras e recatadas, para que assim, elas fossem dignas de encontrarem um príncipe.

E isto, adentrou no imaginário social e por anos ditou as regras de como as mulheres deviam se comportar socialmente para serem aceitas, apagando completamente as suas vozes perante tais realidades. Porém, alguns destes conceitos foram enraizados no meio social, sobre o papel da mulher, e estes, perduram até os dias atuais, conceitos como os de sexualização, inferioridade e sexualidade, por isso, a luta por igualdade ainda é bastante presente, seja no trabalho, em casa e no social, a mulher busca e luta por seus direitos como cidadã a todo instante.

A literatura por séculos foi selecionada e comandada por homens, dado que, a alfabetização era permitida apenas a eles, então o contato que a mulher tinha com a literatura decorria da permissão do pai, do irmão ou do marido respectivamente, para que ela fosse alfabetizada. Como já foi abordado, a mulher até metade do século XX, não era educada para ser letrada, ela era ensinada para ser uma boa dona de casa, Duarte (2003. p. 152-153) explana que uma das primeiras bandeiras a ser levantada pelas feministas era sobre o direito à educação a todas as mulheres, ensino este, que fosse igual ao ofertado aos homens.

As mulheres que eram autoras de histórias eram malvistas socialmente, pois fugiam do padrão social de como uma mulher devia se comportar, e muito disso vinha de um desencadeamento negativo figura da mulher feminista, Duarte aborda que:

A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia e, a gota d'água, o oposto de "feminina. Provavelmente, por receio de serem rejeitadas ou de ficarem "mal vistas", muitas de nossas escritoras, intelectuais, e a brasileira de modo geral, passaram enfaticamente a recusar tal título. (DUARTE, 2003. p. 151).

Deste modo, esta visão negativa fazia com que as escritoras em muitas ocasiões usassem pseudônimos, para protegerem sua integridade de possíveis represálias da sociedade, e este fato acabou fazendo com que grandes nomes fossem perdidos com o tempo. Acaba sendo pautado na atualidade o resgate de escrituras produzidas por mulheres que venceram o patriarcado de sua época, mas que foram esquecidas na história.

No Brasil, exemplo disso, é a grande escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra, considerada a primeira romancista brasileira, e a primeira escritora abolicionista, que trouxe em sua obra *Úrsula* (1859), um retrato totalmente diferente dos negros para a época em que foi escrita, fazendo com que eles se tornassem protagonistas de

um romance. Entretanto, a escritora passou anos no anonimato, e só veio a ser descoberta recentemente.

No Brasil, a primeira mulher a ocupar uma cadeira dentro da academia brasileira de letras (ABL), foi Rachel de Queiroz, isso apenas no século XX. Até então, a presença de mulheres nas cadeiras da academia era proibida, pois eles visavam representar fielmente a Academia Francesa de Letras, que só permitia a entrada masculina.

A partir disso, a presença de mulheres na escrita começou a ser mais frequente, porém, ainda pequena comparada à presença dos homens. Essas mulheres mostravam como era escrever de mulher para mulher, reafirmavam suas vozes ativas socialmente, e por mais que conceitos sobre o feminismo ainda não fosse tão presente, a escrita já abordava temas como, exemplos: violência contra mulher, empoderamento feminino e independência. Que para o período, tais temáticas eram tabus bastante fervorosos, e seus debates eram praticamente inaceitáveis por grande parte da parcela populacional, esta, que ainda se encontrava dentro da sociedade machista da época, onde uma mulher ainda era criada para ser uma boa dona de casa.

Por que focar na revolução feminina a partir do século XX? Porque foi no decorrer dele, que muitos dos movimentos relacionados à figura feminina começaram a surgir, e no caso da literatura, foi o momento em que as escritas de autoria feminina começaram a aparecer mais significativamente. Todavia, essas literaturas não eram consideradas de valor literário, juntamente em decorrência da sociedade machista que as julgavam, simplesmente por serem produzidas por mulheres. Essa realidade começou a ser alterada, em virtudes de mulheres fortes e ativistas que não aceitaram a subjugação masculina, e lutaram por direitos.

A escrita de autoria feminina foi revolucionária, pois, era uma escrita de vivências, que seria lida por mulheres que tiveram ou que teriam experiências parecidas, transmitindo desta forma, mais realidade em relação aos corpos femininos. Diferente das escritas até então produzidas por homens, que faziam do papel feminino um ser de subserviência e inferioridade aos seus desejos.

Dentro dessa historicidade literária em geral, o papel feminino sempre foi muito importante, mesmo ela na maioria das vezes sendo excluída do meio, só que, é nítido que ela se fez presente dentro deste processo. A mulher na literatura teve que percorrer o dobro do caminho percorrido pelo homem, e quando esta mulher é etnicamente negra, esse caminho tende a ser mais tortuoso do que seria se ela fosse branca. Ao pensarmos em escritoras famosas, podemos citar alguns nomes importantes durante a história, que entraram e se consagraram no cânone literário, sendo elas, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Simone de

Beauvoir, todas pertencentes ao século XX, em que seu trabalho frente à sociedade foi um grande divisor de águas para as mulheres, principalmente para as escritoras.

A mulher na sociedade atual vem ultrapassando estigmas em todos os campos e grupos sociais. A mulher negra em especial, teve que enfrentar o dobro do caminho percorrido pelas mulheres brancas — pela falta de privilégios relacionados à cor — para conquistar direitos civis, políticos e sociais, até chegar ao ponto onde se encontra os direitos conquistados pelos movimentos feministas negro, que estão em vigência na atualidade.

Na história, podemos citar grandes nomes de mulheres empoderadas, intelectuais e incríveis ativistas das lutas pelos direitos das mulheres negras, dentre elas, tem-se exemplos de: Nina Simone, Rosa Parks e Ângela Davis, que com uma voz ativa, iniciaram inúmeros movimentos aos direitos dos negros, e suas vivências foram eternizadas através de formas literárias.

Ao focarmos em literatura de autoria feminina e relacionarmos com os conceitos de literatura africana já citados acima, são poucas as referências de mulheres negras que conseguiram seu espaço no cânone literário, esse, constituído com os mesmos estigmas machistas que permeiam as sociedades globais. Dentre os nomes mais citados estão, exemplos de: Chimamanda Ngozi Adichie, Paulina Chiziane e Noémia de Sousa, que quebraram os paradigmas sociais e adentraram no campo literário africano, mostrando a força feminina, empoderamento e auto-afirmação da mulher negra, negando completamente os estereótipos que perpetuaram toda a colonização e pós-colonização europeia as terras africanas, em que, o papel da mulher negra era de escrava, corpo para procriação de novos escravos e mulher com objeto de prazer dos senhores. Como afirma Davis:

Embora as mulheres negras desfrutassem de alguns duvidosos benefícios da ideologia da feminilidade, não raro presume-se que a típica escrava era uma trabalhadora doméstica – cozinheira, arrumadeira ou mammy [...] Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 1981, p. 24-25)

E inúmeros foram os fatores que fizeram com que as africanas demorassem a adentrar na literatura, e como na maioria das ocasiões a repressão machista foi um dos fatores centrais, como também, questões culturais, políticas e sociais, juntamente com o difícil acesso à educação.

A literatura africana foi e vem sendo uma arma de luta; um instrumento usado para a libertação e representação identitária dos povos africanos. E neste sentido, a poesia foi um dos

métodos mais utilizados pelos escritores para desenvolver o espaço literário vigente nos países, e sem sombra de dúvidas, terem mulheres escrevendo sobre sua história — pois esta é uma característica marcante nas escritas de autoria feminina — e todos os atos cometidos na busca de uma sociedade igualitária, foram feitos memoráveis que visavam e visam reverter o apagamento da mulher na sociedade, e ao focarmos na mulher negra, além do apagamento, os movimentos tendem também, quebrar os estereótipos relacionados a corpo, sexo e gênero, pois a figura da mulher como subalterna ainda é muito presente nas sociedades africanas, segundo Macedo (2010):

As vozes femininas ainda são poucas nas literaturas africanas de língua portuguesa. [...] as mulheres possuem ainda um papel subalterno, socialmente falando, nas sociedades africanas, e, conseqüentemente, é restrito o seu acesso à educação. E aqui desenha-se uma contradição, na medida em que a voz feminina é ouvida no círculo mais íntimo das relações familiares, onde o contar histórias e o consolidar laços acabam sendo sua tarefa. Ocorre, no entanto, que as suas adivinhas e contos não são por ela escritos e, sob este aspecto, entre a voz e a letras [...] perde-se a possibilidade de um conhecimento mais amplo do seu contar. (MACEDO, 2010. p. 6 - 7)

Especificamente, a relação da mulher com a literatura era exclusivamente no contar de histórias no ambiente familiar, algo que não deixa de ser literatura, sendo que ao analisar o contexto histórico social de surgimento literário de alguns países africanos, podem-se perceber os conceitos agrafos (sem grafia/escrita) em que a literatura era propagada em formas orais sobre os grandes feitos, heróis, deuses e santos dos povos africanos. E ao analisarmos o contexto histórico social da educação feminina, não só africana como mundial, pode ser percebido que, a mulher não tinha direito a educação, e só lhe cabia os cuidados com o lar e a família, e esta forma de entretenimento oral, era a mais usada pela mulher para repassar sua história aos seus descendentes.

A escrita literária de autoria feminina negra surgiu de forma tímida, em vários casos, foi silenciada pelo sistema patriarcal machista africano. Eram bastante raras as mulheres que o venciam esse sistema, conseguindo escrever e publicar seus textos no continente, mas, com o tempo, movimentos, lutas e o empoderamento feminino, as mulheres africanas adentraram nos processos de reconstrução identitária africana, que eram feitos através de formas literárias, como a poesia, colocando a mulher em seu lugar de fala dentro da literatura, fazendo com que ela abordasse o mundo de acordo com suas experiências e visões, sobre os tipos de contextos existentes naquele solo.

Gayatri Spivak aborda em seu livro *Pode o Subalterno Falar* de (1985) a relação entre sujeito e subalterno, onde ela diz que a mulher vista como subalterna a figura masculina, a mulher negra acaba sendo duplamente subalternizada em virtude de sua cor, Spivak (2014,

p. 66- 85) “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais na obscuridade. [...] Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.”. A voz do subalterno, nesse caso as mulheres, começa a ganhar mais rigidez, uma vez que, a escrita de autoria feminina começou a ser evidenciada.

Pode ser ressaltado aqui uma reportagem do portal de notícias da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em que é mostrada uma comunidade africana centrada no Norte de Moçambique, conhecida como *Macua*, em que a figura feminina ocupou os papéis centrais na sociedade, desafiaram e desafiavam convenções morais de corpo, restrições sexuais, controle socioeconômico e familiar.

Umas das características mais fortes dessas mulheres é o conceito matrilinear, que faz com que a ascendência materna seja considerada mais importante que a paterna. As mulheres *macuas* também promoviam o controle dos meios de produção agrícolas e o autoconhecimento corporal, que incluía técnicas de auto prazer, como meio de libertação sexual, o que acabou lhes rendendo o nome que até hoje é perpetuado socialmente, o de perigosas. A partir deste exemplo, podemos perceber como a sociedade enxerga e reproduz os estereótipos de mulheres que não seguem os padrões que foram estipulados socialmente, são vistas como, perigosas, histéricas, loucas, de má conduta etc.

Ao abordarmos a poesia nesse contexto, partimos do fato de que, a poesia inicialmente foi usada pelas mulheres para se introduzirem no cânone literário, e esses textos poéticos foram precursoras no movimento de libertação e empoderamento feminino, representando desta forma, a voz das mulheres de um continente, que por séculos foram subjugadas por uma visão estereotipada. Inicialmente, as primeiras produções a serem desenvolvidas no continente pelas mulheres, faziam a contraposição ao colonialismo europeu, e com as lutas pela independência em vigência no território, as mulheres reconhecem a consciência da sua subalternidade, fazendo com que os textos femininos passassem por transformações significativas. Estas escritas ganharam um papel mais militante no meio social, visto que as mulheres começam a escrever sobre seu lugar na sociedade, e como os estereótipos que foram criados pelos homens, são diferentes da realidade vivida por elas.

Surgem nomes como a angolana Paula Tavares, com a obra *Ritos de passagem* de (1985), a escritora Vera Duarte, com a obra *Amanhã amadrigada* de (1993) e por último, Paulina Chiziane, com o livro, *Balada de amor ao vento* de (1990). E esta, dentro do cenário ganhou grande notoriedade por suas obras, se tornando uma das mais famosas escritoras africanas.

Vale lembrar que na época, inúmeras mulheres tanto na África quanto fora dela, usavam pseudônimos, a fim de conter possíveis represálias que poderiam sofrer pelo sistema, então vários nomes foram perdidos nesse processo, e poucos foram recuperados com o tempo. Na África, esses fatores fizeram com que a demora na introdução das mulheres no cenário literário fosse mais demorada, uma vez que, a visão da mulher como subalterna e inferior ainda era bastante presente, mesmo com a introdução das mulheres na literatura daquele cenário.

Em uma conferência desenvolvida em Lisboa no ano de 1998, intitulada de “*Seminário sobre a situação da mulher escritora em África*”, mulheres debateram sobre como ocorreu o processo de aceitação de suas literaturas, e afirmaram que essa forma foi bastante complexa. Elas afirmaram que a sociedade ainda faz uma grande distinção sobre o papel da mulher e o papel do homem, papéis esses determinados pela cultura. E a separação dos espaços por gênero ainda era uma realidade vigente no continente, fazendo com que isso influenciasse na literatura.

No começo das escritas de autoria feminina africana, as mulheres evidenciavam essas separações e suas insatisfações acerca dela. Isso motivou a produção do texto de (2004) “*Bordejando a Margem: escrita feminina, cânone africano e encarnação da diferença*”, de Laura Padilha, em que é investigado como foi a participação feminina na construção literária africana. Neste texto, ela consegue evidenciar que nas principais antologias produzidas no continente, sendo elas “*No reino de Caliban*” e “*Antologia Temática de Poesia Africana*”, produzidas de (1976) a (1994), a presença de mulheres nelas é bastante reduzida, e nas épocas em que foram escritas, o lugar da mulher na sociedade africana ainda era de inferior diante do homem. Realidade essa, que foi percebida em outras antologias desenvolvidas no continente ao decorrer dos anos.

Na antologia “*Poesia Negra de Expressão Portuguesa*”, produzida em (1953), as produções de Alda do Espírito Santo e Noémia de Souza, demonstravam as regionalidades e a celebração de suas culturas, e por mais que a presença delas na Antologia fosse pequena, suas escritas demonstravam grande amor e intensidade a sua terra, fazendo com que fortalecesse os laços da busca pela identidade étnica do continente.

A celebração da fertilidade feminina e o papel da mulher como mãe, ganha grande destaque nesse processo. Porém esse papel de mãe não é pertencente aos nascidos de si, mas sim, sobre todos os filhos e filhas do continente, a mãe africana usa sua personificação como defensora de uma nação, englobando o povo negro dentro do seu sentimento de proteção e cuidados instintos exercidos pela figura materna. Fonseca afirma que:

O corpo celebrado, ao expor os significantes da fertilidade, deixa em sombra outros traços do feminino, particularmente os que se referem à sua expressão mais íntima. [...] O corpo se cala em seus desejos mais íntimos para que uma voz coletiva possa ressoar com a ajuda dos símbolos que esse corpo ajuda a fortalecer. [...] É pertinente observar que a figura de mulher que transita pelos versos das escritoras conclamadas para comporem as diferentes coletâneas é posta, por isso, num espaço em que várias tensões se produzem. A escrita literária que focaliza a mulher africana – a mãe que vê os filhos consumidos pelo trabalho forçado, pelas minas do Rand, pela crueldade da opressão, a “irmã” que se compadece dos sofrimentos das “moças do cais”, da “mulher do mato”, daquele que perde os seus filhos na engrenagem de exploração das forças do corpo – é um exercício praticado por mulheres que, de alguma forma, transgrediram a tradição. (FONSECA, 2004, p. 287)

Não é à toa que as literaturas das mulheres sejam tão reduzidas, uma vez que elas abordam temas de liberdade corporal e sentimental, como também sobre a fertilidade. O homem, por mais que tivesse a mulher como companheira de vida, não queria renunciar aos privilégios culturais exercidos pelo gênero masculino. E ter mulheres escrevendo sobre sua libertação social, era preocupante para eles, as escritas dessas mulheres incentivavam e personificavam o progresso dos direitos das mulheres na sociedade africana.

Neste processo, os poemas de Noémia de Sousa, escritora moçambicana, foram precursores nesse contexto social. Neles, Noémia apresentava um mundo longe de tradições ligadas ao meio rural, apresentando um mundo mais urbanizado, e isso fazia com que as mulheres escritoras da época se envolvessem na criação de um projeto político para que assim, se aproximasse das outras mulheres, desta forma, minimizando as dores do povo, e fortalecendo o nacionalismo africano, Fonseca explicita que:

Por outro lado, vários poemas da moçambicana Noémia de Souza trazem fortes marcas de um mundo mais urbano, distante das tradições rurais, ainda que neles seja possível encontrar sinais das transgressões que incitaram as mulheres escritoras africanas, da época, a se envolverem em um projeto político e através dele, se aproximarem das mulheres do povo, daquelas que carregam o mundo na cabeça e os filhos às costas ou no ventre. O projeto político a que as mulheres escritoras se ligam, tendo como meta minimizar o sofrimento do povo e fortalecer o sentimento de pertença a uma terra de encantos inusitados, permite os arroubos que a visão da mulher destaca sobremaneira. (FONSECA, 2004, p. 289)

Noémia de Sousa é grande referência em literatura africana justamente por essa transgressão e por lutar pelo espaço das mulheres por meio dos seus textos, como foi dito por Fonseca, isto pode ser analisado e observado também no texto *Antologias de poesia da casa dos estudantes do império* de (1951-1963) em que ela apresenta um estilo de escrever muito ativo na questão da militância.

Ela usava sua voz para dar oportunidades para às minorias que eram subjugadas, construindo um sistema fundamentado em uma coletividade, uma voz coletiva e plural, fazendo com que ela se aproximasse das minorias, pois estas se identificavam com suas

escritas, uma vez que, Noémia mostrava a realidade da exploração do sistema opressor sobre as mulheres. Porém, mesmo com toda essa coletividade e a representatividade sobre os papéis das mulheres africanas na sociedade, não fizeram com que essa escritora ganhasse prestígio inicialmente, e durante muito tempo foi esquecida.

Após isso ocorre um movimento em que a literatura de autoria feminina africana sede ao sistema, e deixa de ter um compromisso com a luta pela causa, e isso intensifica o apagamento das escritoras, que vai durar por muito tempo, em virtude do meio social, a mulher no período não teve como lutar fortemente contra o patriarcado. Passado esse período de instabilidade na escrita e após anos de apagamento da mulher nas escritas africanas, começam a se deslocar para novas temáticas se aproximando dos temas tratados no atual momento da literatura africana de autoria feminina. Como afirma Fonseca:

Pode-se dizer, finalmente, que passada a urgência das lutas revolucionárias, a mulher escritora, nos países africanos de língua portuguesa, vai-se deslocando dos projetos que a esvaziavam de si mesma para assumir uma escrita que deixa espaço para a expressão da intimidade do eu, para a escuta de sugestões mais comprometidas com o universo de mulheres que, ainda silenciadas por fortes tradições, motivam a escrita de textos que transitam no espaço da literatura, procurando não se fechar às inter-relações com outros campos em que o corpo desenha diferentes coreografias, ainda quando só pode ser observado no desempenho de obrigações cotidianas. (FONSECA, 2004. p. 295)

O corpo feminino, e a relação da mulher com ele, acabam sendo mais evidenciados nas narrativas, a mulher e seu papel na sociedade ganham novas formatações. O centro dos textos literários são as mulheres e suas vivências, a luta contra o patriarcado, e as vitórias das mulheres perante a sociedade machista, esta que ainda existe, começou a ser relatada nos textos. A literatura foi se modificando até chegar ao atual momento, em que o número de escritoras africanas consagradas só aumenta, e a relação de mulher e escrita se torna bem mais forte e importante de ser discutida e evidenciada em todos os campos do saber, fazendo com que anos de apagamento social das mulheres sejam extintos da história da humanidade. Desta forma, depois de todas as explanações feitas, o próximo capítulo será referente a análise literária do conto “No seu Pescoço” que este trabalho se propôs a fazer.

3. REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CONTO “NO SEU PESCOÇO” (2009), DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

No conto que intitula o livro, a autora apresenta uma escrita voltada a narração de fatos do cotidiano da protagonista Akunna, que no desenvolver da história vai ganhando mais profundidade em alguns temas específicos, como, feminismo, racismo, empoderamento

feminino negro e a imigração dos povos africanos. Dentro do texto ela faz uso da narração, em segunda pessoa, para fazer com que o leitor se sinta dentro do texto, e se imagine como protagonista dos acontecimentos do enredo a seguir, e este artifício ajuda a trazer a atenção do leitor para o que está sendo narrado.

Ao iniciar o conto, o contexto em que se passam os fatos narrados, é o nigeriano, local onde a personagem principal mora antes da mudança de espaço.

Inicialmente, o conto apresenta dentro da ambientação, uma idealização da vida perfeita feita pelos personagens recorrentes do conto, uma vez que, eles só aparecem neste momento do enredo. Nesta idealização, a protagonista realizaria sonhos, que perpassam a vida dos moradores nigerianos, isso pode ser percebido através da escrita da autora no conto. Dentre esses sonhos, a protagonista teria um carro e uma casa grande, tudo em menos de um mês, uma vez que, no novo continente onde ela passaria a morar, tudo seria mais evoluído do que seu atual ambiente, fazendo com que dessa forma, fosse mais fácil fazer fortuna e melhorar de vida.

Você pensava que todo mundo nos Estados Unidos tinha um carro e uma arma; seus tios, tias e primos pensavam o mesmo. Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande. Em comparação com o carro grande e a casa grande (e talvez com a arma), as coisas que desejavam eram simples — bolsas, sapatos, perfumes, roupas. Você disse tudo bem, sem problema. (ADICHIE, 2017, pg. 69)

Nesse início do conto, o fragmento do texto mostra a valorização do espaço americano é o foco dos personagens recorrentes do conto, que apreciam os moldes em que os americanos vivem a vida. E muito disso, se dá pelo fato de os africanos acabaram absorvendo a cultura e *modus vivendi* em que a sociedade americana vive, por meio da literatura, mídia etc. Como Adichie (2019) explana:

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. [...] Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura (ADICHIE, 2019, p.01)

Por meio da citação do texto *O Perigo da História Única* de Adichie (2019), pode ser percebido como a questão da representação é tão importante durante a vida de um ser humano pertencente a um grupo social ou étnico, fazendo com que esse indivíduo reconheça seu valor, e não apenas o padrão social que lhe é imposto. Além disso, dentro do conto os personagens

têm como ideal de vida um mundo utópico, onde os americanos vivem um sonho de riqueza e abundância.

Ao ganhar o bilhete da loteria, que na obra é o visto do *Green Card*, logo a moça se torna uma celebridade dentro do seu ambiente, e todos vão ao seu encontro, desejando felicidades, pedindo coisas simples, pois a partir daquele momento ela seria pertencente a uma nova realidade, que era tão almejada por eles, porém, poucos conseguiam. A protagonista Akunna recebe, por meio de seus familiares e amigos, uma enxurrada de histórias do que aconteceria com ela a partir daquele momento nos Estados Unidos. Com certeza, eram histórias que faziam parte do imaginário daquele povo, pela forte influência do país estrangeiro naquela região.

Entretanto, pode-se perceber que o destino é incerto, ainda mais para uma imigrante em um país totalmente diferente do seu, porém, para alguém cheia de sonhos como a protagonista, as incertezas já bastavam, pois até aquele momento, ela tinha como ideia fixa de que o novo país era seu bilhete premiado da loteria. Nesse início de conto, pode ser percebido que pouco é abordado sobre a questão da mulher, a autora aborda outros aspectos da vivência de Akunna, como a sua cultura, nacionalidade e a questão imigratória.

Só que logo adiante, assim que a moça chega ao novo continente, as questões que ela passa por ser mulher começam a aparecer.

Seu tio que morava nos Estados Unidos, aquele cujo nome estava na ficha de todos os membros da família para a loteria do visto americano, disse que você podia ir morar com ele até se ajeitar. Ele contou que a empresa para a qual trabalhava lhe oferecera alguns milhares de dólares a mais do que o salário médio anual, além de participação nos lucros, porque estava desesperada para mostrar diversidade nas contratações. Eles incluíam uma foto do seu tio em todos os folhetos, mesmo naqueles que não tinham nada a ver com a unidade dele. (ADICHIE, 2017. p. 69)

Ao chegar ao novo continente, ela recebe a ajuda de um tio distante que também havia sido premiado com o *Green Card*, e este, promete ajudá-la enquanto ela se fixa no novo país. Esse tio dentro do enredo acaba sendo inserido como personagem secundário, e sua passagem no conto é breve, juntamente com a sua família, que são apenas mencionados por alto no texto, porém suas ações acabam moldando a vida de Akunna.

Ao falar sobre esse tio, a moça o apresenta como vitorioso, pois mesmo sendo imigrante, havia se instaurado bem nos Estados Unidos, e ajuda ela a se inserir no ambiente, apresentando à moça, a correria da nova vida que ela teria.

Nesse ponto do conto, pode ser percebida uma pequena crítica social feita pela autora. Seu tio era um homem muito qualificado e competente, porém segundo a menina, ele só era bem remunerado, pois a empresa estava desesperada para mostrar que apoiava a

diversidade em suas contratações, neste caso, a diversidade racial. Neste trecho pode ser visto que a autora faz uma analogia com a sociedade na vida real, em que grandes empresas usam da exploração da imagem de mulheres, pessoas negras e homossexuais para vender determinado produto, ou vender uma imagem mais inclusiva, com o intuito de ser mais bem vista dentro do cenário social, dessa forma, conquistando o grande público consumidor, que se sente representado.

Logo após a sua chegada ao país, a moça se depara com os primeiros estereótipos relacionados à sua etnia, os “americanos” não conheciam nenhum pouco do que era o continente africano, e perguntas acerca de sua língua, cabelo e costumes eram feitos sobre ela a todo o momento. A falta do conhecimento e da ignorância daquele povo a deixava sem graça, e isso acabaria sendo frequente e inoportuno a partir daquele momento. Este trecho do conto pode ser relacionado com a realidade da autora, Adichie relata em sua palestra *O Perigo da História Única* que:

Anos mais tarde, pensei nisso quando deixei a Nigéria para cursar universidade nos Estados Unidos. Eu tinha 19 anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha “música tribal” e, consequentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey! Ela presumiu que eu não sabia como usar um fogão. O que me impressionou foi que: ela sentiu pena de mim, antes mesmo de ter me visto. Sua posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem-intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais. (ADICHIE, 2019. p. 02)

Esse fato acontece através da propagação dessa imagem a partir de veículos de comunicação, da mídia e das literaturas, reforçando a imagem que os colonizadores reportavam as expedições dentro do território africano, nos anos iniciais de colonização. Muitos desses estereótipos eram propagados através dos textos literários, em que os colonos apresentavam uma visão totalmente deturpada do povo africano, e esta, adentrou no imaginário populacional, e acaba sendo observado até os dias atuais, mesmo depois de séculos de evolução da humanidade.

Outro aspecto do contexto preconceituoso demonstrado no conto é, quando seu tio conta uma história que ocorreu com ele ao chegar ao recente bairro, os vizinhos perceberam que os esquilos daquela região estavam sumindo, eles então, colocaram a culpa no imigrante, pois segundo eles, os africanos tinham o costume de comer todo tipo de animal selvagem. A literatura representa a sociedade e a visão do escritor sobre a época em que ela é produzida,

desta forma, ela acaba apresentando ao leitor, os ideais que cada escritor tem sobre a sua sociedade, todavia, o texto literário não é o único instrumento que pode causar propagações de ideais e padrões sociais, porém, acaba sendo um instrumento poderoso para instruir valores, ideologias e noções sendo eles negativos ou positivos.

Enquanto mulher, estes acontecimentos afetavam Akunna diretamente, em primeiro lugar por ser tida como uma mulher exótica naquele novo espaço, por que, seu cabelo era afro demais e sua pele era escura demais, em comparação às mulheres negras daquela região.

Ao passar do tempo na casa do tio, a menina do conto começa a ter seu sonho e sua felicidade começarem a desmoronar aos poucos, a realidade da vida nos Estados Unidos começou a ser percebida por ela.

Até que seu tio entrou no porão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos. Ele não era seu tio de verdade; na verdade, ele era irmão do marido da irmã de seu pai, não parente de sangue. Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama — a casa era dele, afinal de contas —, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (ADICHIE, 2017. p. 69-70)

Em determinada noite, seu tio tenta abusar dela, ela o empurrou com força e ele disse que ela não era mais criança e que mulheres espertas faziam isso. Desta forma pode ser percebido que a autora começa a demonstrar o tratamento que a protagonista recebe por ser mulher, ela começa a ser inferiorizada primeiramente pelo seu tio, pois segundo ele, as mulheres espertas trocavam favores o tempo todo com os homens, e estes, eram pagos de formas sexuais. A erotização do corpo da mulher é pautada até hoje na atualidade, em que o machismo ainda é presente, fazendo com que homens se sintam no direito de ter determinadas ações sobre o corpo feminino, e no conto isso é bem evidenciado, visto que, o tio acha que a ajuda que estar dando a protagonista, pode ser retribuída de uma forma sexual.

Na obra de Pierre Bourdieu *A Dominação Masculina* (1998), ele nos demonstra como funciona o conceito de cultura Androcêntrica que é sinônimo de sociedade patriarcal, esta, é fundamenta na figura do homem como princípio de tudo, como o ser que deve ser seguido e obedecido pelos demais, como pode ser vista no trecho a seguir:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: [...] O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. (BOURDIEU, 1998. p. 18)

Bourdieu explica que dentro de uma sociedade patriarcal, a divisão entre os sexos masculino e feminino, faz com que haja uma relação entre dominante e dominado, onde o homem por ordem natural domina a mulher. A figura masculina neste aspecto é tida como centro social, e de forma irrefutável, domina o meio que está inserido. No caso do homem do conto, ele sentia que tinha o direito de fazer o que quisesse com Akunna, pois ele a ajudava. O tio dela tinha uma ideia horrível e machista do que as mulheres deveriam fazer para conseguir algo, e a frase dita por seu tio de que: “é dando que se recebe”, ecoava na cabeça da moça. Com tudo que havia ocorrido com a jovem, ela se viu obrigada a tomar decisões difíceis sobre sua vida.

Você foi parar em Connecticut, em outra cidadezinha, pois ela era a última parada do ônibus Greyhound que pegou. Entrou no restaurante com o toldo limpo e brilhante e disse que trabalharia por dois dólares a menos por hora do que as outras garçonetes. O gerente, Juan, tinha cabelos negros retintos e sorriu, mostrando um dente de ouro. Disse que nunca tinha tido um funcionário da Nigéria, mas que todos os imigrantes trabalhavam duro. Ele sabia bem, pois já tinha estado naquela situação. (ADICHIE, 2017. p. 70)

Isso fez com que ela fugisse de casa, e sozinha, começou a se sujeitar a algumas situações. Ela entrou em um restaurante e disse ao dono que, se ele lhe desse um emprego, ela trabalharia por um salário menor que o das outras garçonetes. Esse fato pode ser analisado aqui, como uma das pautas estudadas dentro do movimento feminista, que é a: equidade salarial entre homens e mulheres, uma vez que, os homens recebem o dobro do salário que uma mulher receberia no mesmo cargo. No caso de Akunna, a situação ganha muitos agravantes, pois a protagonista além de ser mulher, traz consigo também a sua cor, o que acaba a colocando em uma situação de maior risco, fazendo com que ela tenha que se submeter a situações de extrema vulnerabilidade.

Gayatri Spivack, grande teórica indiana, em seu livro *Pode o Subalterno Falar* (1985), apresenta o conceito de subalterno, que é uma figura que dentro do contexto social é excluída, não tem voz e não têm direitos. Como também, está sempre sendo subordinada a outra figura.

Dentro deste livro a estudiosa diz que: as mulheres, os negros, os índios e os homossexuais são sujeitos subalternos, estando estes, sujeitados a figura do dominante. Dentro dessa conjuntura a mulher negra e pobre acaba sendo incluída em um nível mais abaixo da situação de subalterna, o que a coloca em uma situação mais degradante da situação de subalternidade, como explica Spivak:

Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais na obscuridade. [...] A questão da “mulher” parece ser mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras. (SPIVAK, 2014, p. 66. p. 85)

Justamente por uma questão de sobrevivência as mulheres acabam aceitando tais situações, para que desta forma, suas vidas melhorem, porém, isto reforça os conceitos de inferioridade abordados acima, onde o dominante inferioriza o subalterno a sua maneira.

As autoras Ribeiro e Jesus (2016, p. 04) explicam que “os primeiros contatos das mulheres com o mercado de trabalho foram discriminatórios, apenas com o intuito de obter lucro, sendo vistas como melhor custo-benefício para o empregador por ofertar salários baixos e incompatíveis com as atividades exercidas”. Spivak também aborda a relação de mulher e trabalho no seu livro, onde ela diz que a mulher subalterna, dentro do contexto de trabalho se encontra também em exclusão, ela não tem o direito de fala, e sempre têm que se subjugar a figura do dominante, neste caso o homem, como a autora afirma:

No outro lado da divisão internacional do trabalho, o sujeito da exploração não pode conhecer nem fala o texto da exploração feminina, mesmo se for assegurado a mulher – de forma absurda pelo intelectual que não pode representa-la – um espaço no qual ela possa falar. A mulher se encontra duplamente na obscuridade. (SPIVAK, 2014. p. 70)

Isto acaba fazendo com que ela passe por situações de rebaixamento perante o olhar do empregador, principalmente se este empregador for do sexo masculino, que culturalmente, é visto como o dominante do sexo feminino, uma vez que, esse tratamento decorre de sociedades patriarcais.

Portanto, pode ser percebido o movimento que Adichie faz para alinhar a sua escrita sobre a mulher negra, com a realidade social vivida por essas mulheres negras em todo o mundo, e isto se confirma no trecho do conto, quando o empregador observando a condição de Akunna, diz que a empregaria, porém, ela receberia menos que as outras, como pode ser visto no fragmento de Adichie (2017, p.70): “Disse que lhe pagaria um dólar a menos, mas por fora; não gostava de todos aqueles impostos que lhe obrigavam a pagar.”.

Com isso iniciava-se a luta da protagonista Akunna por sobrevivência, como mulher negra e imigrante. Com o tempo, ela tinha que passar por situações difíceis na cidade Connecticut, como o fato de não poder estudar, que era um grande sonho em sua vida, mas, como não existiam universidades comunitárias e os grandes preços dos estudos a fizeram desistir de cursar alguma faculdade particular.

Às vezes, ficava sentada no colchão cheio de bolotas de sua bicama e pensava no seu país — nas suas tias que vendiam peixe seco e banana-da-terra na rua, adulando os passantes para que comprassem com elas e logo gritando insultos para aqueles que recusavam; nos seus tios, que bebiam o gim nacional e espremiavam suas famílias e suas vidas em apenas um cômodo. (ADICHIE, 2017. p. 70)

Entretanto, ela não deixava de estudar, passava grande parte de seu tempo em uma biblioteca pública e estudava os livros das bibliografias das universidades. Quando estava em

seu quarto, deitada em sua bicama, ela começava a pensar em sua cidade natal, nas saudades que ela sentia de sua família e amigos, juntamente com a situação precária que eles passavam. O que era compreensível, visto que naquela nova realidade, ela não encontrava nada regional a que pudesse se segurar e revisitar suas origens, que para ela, eram muito importantes.

Nesse trecho da narrativa, começa a ser percebida a valorização da nacionalidade africana, especificamente do solo nigeriano, e que a protagonista sente saudades da vida que tinha lá, porém, ela se lembra da situação precária que se encontra sua família na Nigéria, e essa lembrança a faz sentir o quão é vitoriosa por ter conseguido o *green card*, o tão desejado sonho americano havia se tornado uma realidade, então seria ruim desistir no primeiro obstáculo.

Dentro da literatura nigeriana o nacionalismo é característica central dentro das narrativas, a valorização das culturas, costumes e das organizações sociais, são sempre demonstradas com grande fervor por meio da literatura da região, e esse fato pode ser percebido no decorrer do conto em análise. Isto é recorrente nas literaturas feitas no continente africano, principalmente depois dos movimentos de *Negritude*, como afirma Laranjeira:

A Negritude lançou as suas raízes até aos movimentos culturais protagonizados por negros, brancos e mestiços que, desde as décadas de 10, 20 e 30. Vinham pugnando por um Renascimento Negro (busca e revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares) principalmente em três países das Américas, Haiti, Cuba e Estados Unidos da América, mas também um pouco por todo o lado. (LARANJEIRA, 1995, p. 27)

Os movimentos de *Negritude* fizeram com que houvesse uma grande mudança dentro do cenário literário africano, em relação à representatividade fiel do povo negro, e este movimento molda até os dias atuais a forma de fazer literatura no continente, e Adichie demonstra bastante esta característica dentro de seu texto, onde mesmo abordando temas relacionados a vivência das mulheres negras, ela faz esta relação com as origens na África.

Ao voltar ao conto, tempos depois que Akunna já estava trabalhando, algumas perguntas sobre ela ainda eram feitas. Muitas pessoas no restaurante perguntavam quando ela havia chegado da Jamaica, uma vez que, eles achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano. Neste trecho Adichie, reflete por meio da escrita, um pouco sobre os estereótipos que os negros sofrem em território norte americano, porque segundo ela, para eles, todo negro com sotaque diferente era da Jamaica.

Alguns adivinhavam que ela era africana, e diziam que adoravam elefantes e que queriam fazer um safári. A autora faz outra crítica nesse momento sobre como a África é vista

e reduzida, apenas a um ponto turístico em que são feitos safaris. Durante anos, a África foi reduzida a esta característica, onde seu território só era lembrado em virtude de suas paisagens exóticas, e isto reforça de certa forma, o olhar que foi transportado por meio da literatura feita pelos europeus sobre a região.

Na palestra ministrada por Chimamanda Ngozi Adichie ela usa uma passagem de sua vida que pode explicar o fato narrado no conto, e vale lembrar que, mesmo o conto não sendo autobiográfico, ela usa como inspiração para compor, experiências vividas por ela enquanto mulher negra:

Então, após ter passado vários anos nos EUA como uma africana, eu comecei a entender a reação de minha colega para comigo. Se eu não tivesse crescido na Nigéria, e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando em guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por eles mesmos e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil. Eu veria os africanos do mesmo jeito que eu, quando criança, havia visto a família de Fide. (ADICHIE, 2019. p.02)

Pode ser visto através desta referência, como Adichie transporta para o conto a experiência vivida por ela em relação a como as pessoas a enxergavam, e também a sua nacionalidade, e como tais imagens negativas sobre a África, acabavam sendo propagadas pelo mundo.

Após isso, voltando para a narrativa do conto, a autora apresenta um breve choque de realidades entre culturas diferentes, a cultura da mulher negra africana, e a cultura do sujeito americano. A protagonista ao escrever uma carta para a sua família, começa a narrar suas descobertas e estranhezas da sua nova realidade cotidiana.

Quis escrever sobre como as pessoas deixavam tanta comida nos pratos e largavam algumas notas de um dólar amassadas sobre a mesa, como se fosse uma oferenda, uma expiação pela comida desperdiçada. Quis escrever que os americanos ricos eram magros e os pobres, gordos, e que muitos não tinham uma casa e um carro grandes; mas você ainda não sabia se tinham armas, pois podiam estar com elas escondidas dentro dos bolsos. Não foi só para seus pais que quis escrever, mas também para seus amigos, seus primos, suas tias e tios. Mas nunca tinha dinheiro o suficiente para comprar perfumes, roupas, bolsas e sapatos para todos e ainda assim pagar o aluguel com o que ganhava como garçonne e, por isso, não escreveu para ninguém. (ADICHIE, 2017, p. 71)

A autora começa a demonstrar por meio da escrita, a real visão da vida americana, e de como as histórias que Akunna havia ouvido antes da mudança, não eram tão reais como ela imagina. Assim, a autora começa a induzir o público a notar a saudade que a protagonista vem sentindo da sua terra.

Uma noite quando dormia a moça começou a sentir algo enroscar em seu pescoço, algo que a sufocava antes de ela cair no sono, porém, ela não sabia explicar que sensação ruim era aquela.

Alguns dias depois, ao atender um novo cliente que havia parado no restaurante ela ficou surpresa com que havia acontecido, ele fazia perguntas como se soubesse de onde era ela. Inicialmente, perguntou qual língua ela falava se era igbo ou ioruba, e ela surpresa respondeu que era o igbo.

Ele era diferente dos homens que ela havia conhecido, não era ignorante ou grosseiro, nem tinha um ar de superioridade, e realmente mostrava interesse no que ela dizia:

Por isso, quando ele lhe perguntou, na meia-luz do restaurante, depois de você listar os especiais do dia, de que país africano viera, você disse Nigéria e esperou que ele dissesse que tinha doado dinheiro para a luta contra a aids no Botsuana. Mas ele perguntou se você era iorubá ou igbo, pois não tinha cara de fulani. Você ficou surpresa — achou que ele devia ser professor de antropologia na universidade estadual, um pouco jovem para isso com seus vinte e muitos anos talvez, mas quem sabe? Igbo, respondeu. Ele perguntou seu nome e disse que Akunna era bonito. (ADICHIE, 2017, p. 71)

Através do trecho, a autora demonstra algumas questões estereotipadas que a protagonista já havia passado com outras pessoas, ao esperar a resposta do cliente, Akunna sempre esperava que ele dissesse algo que ela já estava acostumada a ouvir sobre seu continente, como questões com a AIDS, por exemplo. Conforme conversava com o cliente, ela percebeu que se tratava de um pesquisador, ele já havia viajado por países da África e estudado sobre as culturas do continente. Ela usou de exemplo um professor que ela havia conhecido, e este julgou conhecer mais sobre seu povo do que ela, que fazia parte daquela realidade, e se sentia superior a ela, unicamente por ser um homem branco, que culturalmente é visto como o ser dominante.

Ele começou a frequentar a lanchonete em que ela trabalhava, e sempre a tratava bem, como se apenas ela importasse, porém, ela achava a situação muito estranha, pois até o momento ela só havia sido inferiorizada naquele continente, então qualquer gesto de carinho de outra pessoa, a fazia desconfiar. Este homem dentro do conto pode ser visto como o mocinho da história, um dos protagonistas, porém, seu nome não é dito no decorrer do texto, ele é apenas referido pelo pronome masculino. Ele conhecia muito sobre sua cultura e terra, só que ao mesmo tempo ele vivia em um mundo totalmente diferente do dela, e isso a incomodava. Esse fato pode ser relacionado com conceitos de vivência, algumas pessoas conhecem a cultura e os costumes do continente africano, porém somente os filhos da terra têm a real dimensão de vivência na região.

Isso diretamente pode fazer uma analogia à literatura feita no período colonial africano, em que a visão do colonizador era propagada e o povo africano era apagado e quase sempre inferiorizado, fazendo com que hoje em dia, pautas sobre locais de fala sejam tão enfatizadas, para que as vozes dos povos africanos não sejam novamente caladas.

Eles começaram a sair juntos, mas Akunna tinha medos constantes sobre o relacionamento, será que ele a tratava como um troféu ou como algo exótico, isso ocorria, pois a garota reconhecia que eles eram de espaços e culturas diferentes, a cultura dela para ele podia ser exaltada, mas não passava pela cabeça dela, como ele não tinha preocupações com a vida. Com o tempo, o súbito aperto no seu pescoço se fazia todas as vezes que ela ia dormir, mas, ela não sabia explicar que sensação era aquela.

Ele lhe comprava presentes e, quando você disse que se preocupava com o gasto, ele contou que seu avô de Boston fora um homem rico, acrescentando depressa que o velho doara boa parte da fortuna e que, por isso, sua herança não era imensa. Os presentes dele deixavam você perplexa. Uma bola de vidro do tamanho de um punho que você sacudia para ver uma boneca curvilínea e minúscula girar dentro dela. Uma pedra brilhante cuja superfície assumia a cor de tudo que a tocava. Um lenço caro pintado à mão no México. Afinal você disse para ele, com uma voz alongada de ironia, que, na sua vida, presentes sempre eram coisas úteis. A pedra, por exemplo, teria funcionado se fosse possível moer coisas com ela. Ele riu muito, por um bom tempo, mas você não riu. Entendeu que, na vida que ele levava, era possível comprar presentes que eram só presentes e mais nada, nada de útil. Quando ele começou a comprar sapatos, roupas e livros para lhe dar, você pediu a ele que não fizesse mais isso, disse que não queria presente nenhum. Ele continuou a comprá-los e você os guardou para dar para seus primos, seus tios e suas tias, quando, um dia, pudesse ir visitá-los, embora não soubesse como poderia um dia comprar uma passagem e pagar o aluguel. (ADICHIE, 2017. p. 74)

Com o tempo, eles começaram a se relacionar, e ela se fazia algumas perguntas a respeito dele, tais como: por que ele havia deixado de estudar para viajar? Como ele a enchia de presentes caros que ela nem usava ou que não serviam para nada? Isso, enquanto seus familiares na sua terra passavam por situações precárias e por humilhações para ganhar o mínimo para sustentar suas famílias.

Ela de certa maneira imaginava que os presentes eram de alguma forma para comprar a sua afeição, só que para ela os presentes não importavam, até que em determinado momento ela o pede para ele parar, pois a situação estava a incomodando muito. Desde o início do conto Akunna se mostra uma mulher forte, independente, nesse momento a autora usa a parte do conto para mostrar a força feminina, empoderamento e independência, no fato da protagonista não se sujeitar aos caprichos do homem, neste caso, a protagonista não aceita mais nenhum tipo de presente do seu namorado, pois estes presentes não comprariam seus sentimentos.

Os namorados eram de culturas muito diferentes, e Akunna não conseguia entender o fato, de como algumas pessoas podem ter tanto dinheiro e privilégios, sem precisar fazer um mínimo de esforço, enquanto ela, mulher e negra tinha tantos sonhos, e trabalhava o dobro que qualquer outra pessoa para sobreviver em um país onde ela era a imigrante.

Pela reação das pessoas, você sabia que vocês dois eram anormais — o jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas

e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma.” (ADICHIE, 2017. p. 75).

Por muitas vezes, ela sentia que o namoro dos dois não era aceito pela sociedade, os brancos olhavam para eles com um sorriso falso, enquanto os negros desaprovavam e não entendiam o que ocorria com ela, para estar namorando um homem branco, Pacheco explica este fato em seu livro *Mulher Negra: afetividade e solidão*, de (2013) onde ela aborda diversos temas explicando para os leitores um pouco sobre a solidão da mulher negra, e em uma de suas indagações, ela explicita que um dos meios em que a mulher negra sofre com a solidão, são nos relacionamentos românticos, e isto se agrava quando estes, são relacionamentos inter-raciais, porque culturalmente eles são mal vistos na socialmente:

Do século XIX até início do século XX, várias foram as teorias que se preocuparam em explicar o problema racial brasileiro. No entanto, por trás dessas explicações socioantropológicas estava subjacente a preocupação com o contato sexual-afetivo de mulheres e homens de “raças” e culturas diferentes. Neste período, o contato sexual-afetivo entre esses povos, era visto de forma degenerativa, um mal que deveria ser curado. [...] A preocupação com o contato sexual-afetivo inter-racial crescia

à medida que as experiências de base científica na Europa atestavam uma possível degeneração física, psíquica e social entre os povos que se misturavam. (PACHECO, 2013. p. 53)

Esta referência acaba sendo referente ao Brasil, porém, como podem ser percebidos, esses aspectos eram imitados com base em conceitos europeus, que acreditavam em uma pureza de raça, e isso se perpetuou em diferentes tipos de realidades, fazendo com que a relação entre pessoas de etnias diferentes ainda seja mal vista até hoje.

Isto se agrava, em relações entre pessoas brancas e negras, no caso do conto, um homem branco rico e uma mulher negra pobre, que culturalmente é vista como subalterna a ele, Spivak (2014) explica que, a mulher é subalterna ao homem, e o negro ao branco. A conjuntura do relacionamento inter-racial de Akunna e o namorado causa estranheza na sociedade por eles serem considerados de planos diferentes.

A mulher negra é vista como inferior ao homem branco, ela então, acaba sendo julgada, estereotipada e até violada, pois parte da sociedade enxerga o negro, neste caso, a mulher negra, como subalterna e não como sujeito igual, e isto, acaba causando seu apagamento social, e a exclusão de sua voz.

Aquele sufoco no pescoço ao ir dormir ainda ocorria, e a deixava sem saber o que fazer. Dentro de um contexto de desigualdade social, a mulher subalterna sempre é silenciada, uma vez que ela é o sujeito inferior, por ser negra e pobre, perante a um homem branco e rico que tecnicamente é o sujeito dominante, Spivak (2014, p. 66) aborda que: “o sujeito

subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais na obscuridade.” Nesta circunstância, no caso da análise do conto, como a protagonista se encontra abaixo do nível do subalterno, o aperto no pescoço que ela sente em várias ocasiões, pode ser causado justamente por essa falta de voz, no sentido de que, ela se sente silenciada e sufocada ao ponto de não conseguir expressar suas vontades, expressar como ela realmente é, principalmente por não estar em seu continente, por ser vista como diferente e exótica pela sociedade em que ela convive, fazendo com que ela seja apagada, que sua existência não seja notada, uma vez que, ela por ser negra e pobre não tem voz.

Finalmente, você escreveu para casa. Era uma carta curta para seus pais, enfiada no meio das notas novas de dólar, e você escreveu seu endereço. Recebeu uma resposta poucos dias mais tarde, enviada pelo meio de entrega mais rápido. Sua mãe escreveu a carta ela própria; você soube pela letra fina, pela ortografia errada. Seu pai estava morto; simplesmente caiu sobre o volante do carro da empresa. Há cinco meses, escreveu ela. Talvez seu pai houvesse morrido num dos dias em que você dirigiu até a cidade de Mystic, ou assistiu a uma peça em Manchester, ou jantou no Chang's. Ele abraçou-a enquanto você chorava, fez carinho no seu cabelo e se ofereceu para pagar sua passagem, para ir com você ver sua família. Você disse que não, que precisava ir sozinha. (ADICHIE, 2017. p. 75-76)

Tempos depois, Akunna decide escrever para a sua casa e mandar um pouco do dinheiro que recebia como fazia de costume. Passados alguns dias ela recebe uma resposta de sua mãe. Na carta ela contava que seu pai havia falecido há cinco meses. Ela sofreu um choque enorme, não acreditava que ela estava tão longe. Isso a fez se questionar sobre sua real situação no país, e o que ela estava fazendo quando seu pai faleceu. Ela precisava voltar para casa e rever sua família, mas não sabia como ficaria sua situação nos Estados Unidos. Depois de comprar a passagem, ele então perguntou:

Ele perguntou se você ia voltar, e você lembrou a ele que tinha um green card e que ia perdê-lo se não voltasse em menos de um ano. Ele disse que você sabia o que ele queria dizer, você ia voltar, voltar mesmo? Você virou de costas e não disse nada e, quando ele a levou de carro ao aeroporto, você abraçou-o apertado por um longo, longo momento, e depois soltou. (ADICHIE, 2017. p. 75-76)

Dessa forma se encerra o conto, em a autora deixa subentendido que Akunna não voltaria, e acaba explicando para nós leitores, qual era o real motivo dos sufocos que ela sentia no pescoço ao dormir. A saudade de sua terra, das suas origens, de sua cultura e costumes, eram mais importantes para ela do que um *Green Card*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda a explanação feita por meio desta monografia podem ser percebidos alguns pontos importantes presentes na construção do texto até chegar a análise central.

Primeiramente, ver-se como o poder da literatura vai além de entreter em momentos específicos, e de trabalhar com o imaginário do leitor. A leitura de textos literários pode moldar comportarmos, instruir e até mesmo influenciar o leitor a sua maneira, e ao fazermos a analogia deste fato com os fatos presentes no decorrer do texto, ele pode ser usado para explicar as situações vividas por Akunna, e como isso pode ser motivador dos estereótipos mencionados por ela. O poder da literatura neste caso faz uso da escrita para transmitir estigmas e estereótipos sobre os povos africanos totalmente errôneos, fazendo com que esses povos quase sempre sejam mal vistos pela sociedade, como abordado no texto.

A literatura africana surge justamente na contraposição e na negação de tais preconceitos que cercam o povo africano. Em que durante anos de colonização trouxe o olhar do homem branco sempre a frente nas escritas, escondendo e apagando a cor negra de qualquer literatura que fosse feita, e quando eram mencionados, geralmente eram animalizados, fazendo com que tal conceito fosse sendo perpetuado até a atualidade.

Este caso acabou sendo agravado ainda mais para as mulheres, principalmente as mulheres negras, que além de terem a cor como obstáculos, tiveram o seu gênero. Sendo impedidas de escrever as mulheres africanas lutaram da forma que conseguiam, transmitindo a literatura de forma oral, uma vez que sua função como dona de casa, acabava sendo a única permitida na sociedade patriarcal desde o colonialismo até a atualidade como pode ser visto em alguns casos em específicos. Entretanto com os movimentos feministas e os movimentos de negritude, o povo negro, em especial a mulher negra foi conseguindo aos poucos o seu espaço dentro do cânone literário, fazendo com que sua ascensão fosse inevitável.

Com isso pode ser feito uma reflexão acerca dos estereótipos relacionados ao povo africano e sobre: como a forma ultrapassada suas imagens, culturas, costumes e gêneros ainda são propagados pela grande massa. No conto, pode ser percebido o desenvolvimento de uma mulher forte, que se impôs a situações de machismo e preconceitos sofridos por ser mulher, negra e imigrante. Akunna abdicou do tão sonhado *Green Card*, e voltou para sua nação, pois viu que o sonho americano era uma farsa, principalmente para os imigrantes africanos.

Na obra de Chimamanda, ela presa bastante o protagonismo do seu povo, e a sua ancestralidade, para que pessoas como ela, ao lerem seus textos, se sintam representados com o protagonismo negro nos enredos.

5 REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No Seu Pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos, 5ª edição, corrigida pelo autor**. Ed. Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade. 9ª edição, revista pelo autor**. Ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2006.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Ed. Universidade Aberta, 1995.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Ed. Biblioteca Breve. 1977.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. MOREIRA, Terezinha Taborda. **Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Caderno Cespuc de pesquisa. Série ensaios. V.16, p 13-69, 2007.

SILVIE, Špánková. **Literaturas africanas de língua portuguesa I - Antologia de textos literários**. 2014.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1968.

Pós-Colonialismo e Literatura: questões identitárias nos países africanos de língua oficial portuguesa / Marcos Paulo Torres Pereira et al. (organizadores) – Macapá : UNIFAP, 2017.

MUNANGA, Kabengele, **Negritude – Usos e Sentidos**. Ed. Ática. São Paulo, 1988.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio.** – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe /** Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. Recurso digital.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens /** Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

RIBEIRO, Regina Martins. JESUS, Rosilene Soares de. **A inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil.** Revista de Ciências Humanas, Viçosa, v. 16, n. 1, p. 42-56, jan./jun. 2016

MACEDO, Tania. **Da voz quase silenciada à consciência da subalternidade: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa.** Mulemba. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, pp. 4-13, jan/jul 2010.

BOTOSO, Atemir, **A Literatura africana de autoria feminina: vozes moçambicanas.** Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli, UEMS, Brasil, 2018.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 283-296, 2º sem. 2004.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Bordejando a margem (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças).** SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 253-266, 2º sem. 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O feminismo negro: entrevista com Djamila Ribeiro,** YouTube, 25 de jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0k1mh7N8Caw&t=537s>> Acesso em: 29 de ago. 2022.

DUARTE, Constância Lima. **Autoria feminina no meio literário - Constância Lima Duarte**, 29 de mai. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LzCfpBx_1Vk&t=188s> Acesso em: 29 de ago. 2022.

TREVISAN, Maria Carolina. **O Brasil é o 4º País que mais prende Mulheres: 62% São Negras**. Pastoral Carcerária, 21 de mai. de 2018. Disponível em: <[https://carceraria.org.br/mulher-encarcerada/brasil-e-o-4o-pais-que-mais-prende-mulheres-62-delas-sao-negras#:~:text=N%C3%A3o%20%C3%A9%20por%20acaso%20que,brancas%20\(40%2C1\).](https://carceraria.org.br/mulher-encarcerada/brasil-e-o-4o-pais-que-mais-prende-mulheres-62-delas-sao-negras#:~:text=N%C3%A3o%20%C3%A9%20por%20acaso%20que,brancas%20(40%2C1).)> Acessado em: 15 de fev de 2023.

CABRAL, Gabriel. **Independente há 60 anos, a distância entre Nigéria e Brasil é menor que um oceano**. Negrê. 01 de out de 2020. Disponível em: <<https://negre.com.br/independente-ha-60-anos-a-distancia-entre-nigeria-e-brasil-e-menor-que-um-oceano/>> Acessado em: 15 de fev de 2023.

RODRIGUES, Julia Oliveira. **Mulheres negras são 67% das vítimas de feminicídio, segundo Atlas da Violência**. Notícia Preta. 02 de set de 2021. Disponível em: <<https://noticiapreta.com.br/mulheres-negras-sao-67-das-vitimas-de-feminicidio-segundo-atlas-da-violencia/>> Acessado em: 15 de fev de 2023.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher Negra: afetividade e solidão**/Ana Cláudia Lemos Pacheco; [posfácio], Isabel Cristina Ferreira dos Reis. - Salvador: ÉDUFBA, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

BOURDIEU, Pierre. 1930-2002 **A dominação masculina**/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.